

Ativismo e Pandemia no Brasil



Impacto de Covid-19 em organizações da sociedade civil
lideradas por mulheres e pessoas trans no Brasil

Ativismo e Pandemia



Agradecimentos

Às organizações da sociedade civil lideradas por mulheres e por pessoas trans que participaram da pesquisa.

Aos parceiros institucionais do ELAS+ pelo estímulo e apoio à realização da pesquisa, em especial ao Instituto Unibanco e à iniciativa global Liderando desde el Sur – Fondo de Mujeres del Sur.

Impacto de Covid-19 em organizações da sociedade civil lideradas por mulheres e pessoas trans no Brasil

Ativismo e Pandemia

Formulação, Realização e Coordenação da Pesquisa

ELAS+ Doar para Transformar

Coordenação Geral do ELAS+

Amalia E. Fischer P.

Coordenação Executiva do ELAS+

K. K. Verdade

Conselho Deliberativo do ELAS+

Helena Theodoro – Presidenta

Madalena Guilhon – Vice-Presidenta

Célia Cruz

Chirley Pankará

Jana Guinond

Jaqueline Gomes de Jesus

Lam Matos

Rita Andréa

Rosana Heringer

Suzimar Clementino

Pesquisadores

Angela Donini

Iracema Souza

Dafne Sponchiado

Juliana Floriano

Sofi Repolês

K. K. Verdade – Equipe ELAS+

Colaboração

Nádia Rebouças

Denise Viola – Equipe ELAS+

Amalia E. Fischer P. – Equipe ELAS+

Revisão Textual

Larissa Neves

Poliana Martins – Equipe ELAS+

Projeto Gráfico e Diagramação

Dani Moreira

Foto da Capa

Ana Lira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Impacto de COVID-19 em organizações da sociedade civil lideradas por mulheres e pessoas trans no Brasil [livro eletrônico] : ativismo e pandemia / ELAS+ Doar para Transformar; [coordenação K. K. Verdade, Amália Fischer]. -- Rio de Janeiro : ELAS+ Doar para Transformar, 2021.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-996689-0-6

1. Coronavírus (COVID-19) – Pandemia 2. LGBT – Siglas 3. Movimentos sociais – Brasil 4. Mulheres – Brasil 5. Organizações da sociedade civil – Brasil 6. Organizações não-governamentais – Brasil 7. Pessoas transgênero – Brasil I. ELAS+ Doar para Transformar. II. Verdade, K. K. III. Fischer, Amália.

21-91737

CDD-305.30981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : COVID-19 : Organizações da sociedade civil : Mulheres e LGBTI : Ciências sociais 305.30981

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Ativismo e Pandemia no Brasil



O ELAS+ convida você a conhecer como grupos e organizações de mulheres e de LBTI (lésbicas, bissexuais, trans e intersexo) brasileiras foram impactadas e como vêm reagindo à pandemia da Covid-19.

Você verá como o contexto sociopolítico e econômico brasileiro levou à **perda de direitos e à precarização**, o que agravou as realidades em contexto pandêmico, e como a presença dos movimentos sociais liderados por mulheres e por LBTI foram importantes frente aos novos desafios.

Fomos o primeiro fundo liderado por mulheres a mobilizar recursos para **promover e para fortalecer o protagonismo de mulheres e de LBTIs no Brasil**. Analisando o cenário nacional e internacional, chegou-se à conclusão de que os impactos socioeconômicos e de reconquista de direitos e de políticas públicas, perdidos ou suspensos em função da pandemia, vão reverberar por 10 anos, desafiando a sociedade com crises sociais e intensificando as desigualdades.

Frente a isso, **o ELAS+ flexibilizou recursos no apoio a grupos formais e informais, em 2020 e em 2021**, para que pudessem atender as demandas de emergência humanitária e manter suas organizações ativas na contínua luta por direitos. O ELAS+, por conhecer a trajetória, a presença e a importância dos movimentos sociais, sabia que estariam ali, buscando garantir sua própria sobrevivência e adaptar seus trabalhos remunerados ou voluntários aos novos protocolos. Quando os grupos de mulheres e LBTIs foram acionados ou convocados a agir, seja pelas demandas específicas relacionadas à pandemia, seja pelos agravos sociais desencadeados pela má gestão do Estado, elas entraram em movimento. **A pesquisa realizada pelo ELAS+ constata:**



Elas foram rápidas, criativas e resilientes. Com pouco ou nenhum recurso, promoveram impactos positivos em seus territórios e localidades. Elas estão resistindo a todos os desafios e precisam de mais apoio.

São poucos os estudos no Brasil sobre os ativismos feministas e LGBTQIA+ e suas relações com a filantropia, ainda mais no atual contexto pandêmico. Agora, com o apoio de pesquisadoras de universidades públicas brasileiras, o ELAS+ apresenta os resultados dessa pesquisa.

Este documento é uma síntese da pesquisa: **Ativismo e Pandemia–Impacto da Pandemia de Covid-19 em Organizações da Sociedade Civil Lideradas por Mulheres e Pessoas Trans no Brasil**.

Os dados foram coletados nos meses de julho e agosto de 2020, fornecidos por grupos e por organizações de mulheres e LBTI que submeteram o formu-



lário para participação no **edital online Mulheres em Movimento 2020: fortalecendo a solidariedade e a confiança**.^[PDF] A pesquisa apresenta um retrato de 953 organizações da sociedade civil (OSC), formais e informais, lideradas por mulheres e por pessoas trans de todas as regiões do Brasil.

Esta publicação, apresenta informações sobre as características das OSC pesquisadas. Você vai conhecer suas lideranças, seus ativismos, seus territórios. Você verá como grupos de mulheres negras, indígenas, LBTIs, das cidades, do campo, das florestas, reagiram à pandemia da Covid-19.

No universo de lideranças ativistas, apresentaremos dados sobre trabalhadoras domésticas, profissionais do sexo, mulheres negras, empreendedoras sociais, mulheres com deficiência, jovens, mulheres do campo, quilombolas, ativistas da arte e da cultura. A pesquisa traz ainda informações inéditas sobre organizações lideradas por mulheres indígenas.

E, dentre seus ativismos, estão as temáticas de enfrentamento do racismo, de justiça climática e desenvolvimento sustentável, do fim da violência, da desigualdade digital e tecnológica, da participação política das mulheres, dos direitos LGBTI+, do direito à terra, da justiça reprodutiva, do direito à cidade e à mobilidade, entre outras.

Apresentamos trechos de falas de ativistas que enfrentaram a pandemia no começo de 2020. Finalizamos com uma conclusão propositiva, sugerindo ideias de cooperação e de fortalecimento desses ativismos no Brasil.



Os vínculos de solidariedade social e de confiança desses grupos geraram filantropia comunitária e horizontal

Nossa pesquisa revelou que as organizações e os grupos escolheram o caminho da confiança, da empatia, do altruísmo e agiram juntas, despertando a solidariedade, a filantropia de justiça social, colaborativa, comunitária e horizontal.

“

Realizamos ações de doações nas periferias [cidade], doações de produtos vindos dos assentamentos para famílias afetadas, doamos para casas que abrigam mulheres vítimas de violência, doamos aos indígenas [etnia], doamos às mulheres gestantes indígenas [etnia]. Doamos mais de 15 mil toneladas de alimentos para a população das periferias afetadas pela pandemia. O coletivo participou ativamente da campanha e da distribuição dos alimentos. A solidariedade é um pilar que construímos para superar a pandemia. Estamos superando as consequências da pandemia com estudo, trabalho, união e solidariedade.

Liderança Negra e LBT, Estado do Ceará

Sendo a formalização um mecanismo que viabiliza coletas de dados sobre a sociedade civil, **o diferencial dessa pesquisa do ELAS+ é sua contribuição pioneira sobre as organizações informais**, grupos sociais que não integram bancos de dados de pesquisas. Os dados da pesquisa foram coletados apenas três meses após a declaração da propagação do vírus da Covid-19 e o decreto de pandemia. Pouco se sabia sobre o vírus, não se tinha políticas públicas de saúde e nem medidas sociais para enfrentamento dos problemas, que, posteriormente, tornaria-se um estado de calamidade pública.

Diante de tantas adversidades, o que não faltam são histórias de reinvenção das formas organizativas e dos ativismos das mulheres. Foram muito rápidas, redimensionaram suas ações, reordenaram e diversificaram as estratégias e as alianças para beneficiar as populações em seus territórios.

Grande parte das organizações e dos grupos analisados **autofinanciam** seu ativismo, através de suas próprias atividades. **51%** têm como sua segunda fonte de financiamento a realização de eventos. A promoção de vendas é uma das fontes de financiamento para **36,6%** dessas organizações. Ambas as atividades foram extremamente impactadas com as medidas de isolamento social.



No Brasil, as organizações atingidas pela pandemia investiram em qualificação, em equipamentos, em estrutura, viabilizaram conexões e fizeram a transição de seus negócios para o ambiente online.



Merece destaque o desenvolvimento de projetos, de ações, de campanhas, de litigância, de comunicação institucional, da mobilização em rede, além da incidência de *advocacy* em nível local, nacional e internacional e da qualificação do ativismo. A sistematização dos meios e das estratégias adotadas trazem elementos para a articulação de esforços coletivos, recursos humanos e financeiros.

A cada um dos grupos, organizações e redes que participaram da pesquisa, o ELAS+ deixa seu agradecimento por contribuírem tão significativamente para que fosse possível aprofundar e qualificar os diagnósticos para atuar com ainda mais assertividade e impacto social coletivo. O resultado dessa pesquisa é para todas as pessoas que acreditam que é também pela ação das mulheres e de LBTIs que se construirá um mundo mais justo e igualitário. Investir nessas organizações, que transformam nossa sociedade, deve ser compreendido como prioridade.



O ELAS+ ajustou as lentes para perceber como as organizações de mulheres e LBTIs atuaram durante a pandemia

A partir dos [formulários do Edital Mulheres em Movimento 2020](#), realizado de 25 de julho a 21 de agosto de 2020, foi gerado um banco de dados que permitiu a realização de uma pesquisa inédita.

Para que as organizações e os grupos aplicantes do Edital pudessem participar desta pesquisa foi enviado um convite e um [Termo de Consentimento Livre Esclarecido-TCLE](#) para o total de **1.188** organizações que estavam elegíveis de acordo com os critérios do edital. Obtivemos o consentimento de 953 organizações, sendo este, portanto, o universo desta pesquisa.

O formulário foi estruturado por blocos:

- 1 **Dados gerais:** nome da organização, os contatos, endereço de correspondência e identificação sobre as lideranças;
- 2 **Dados da organização/grupo:** estrutura de cargos, instâncias deliberativas, histórico (ano de início; com quantas integrantes começou; quantas participam atualmente; número de registro-CNPJ), se considera feminista; objetivo da criação e história do grupo; situação financeira e beneficiárias;
- 3 **Estratégias de atuação:** atividades e projetos desenvolvidos para o tratamento das perguntas fechadas, foi realizada a organização do banco de dados no programa SPSS versão *IBM SPSS Statistics Subscription* e os achados foram trabalhados a partir de: Análises descritivas, de caracterização das organizações e dos grupos inscritos, havendo o uso de técnicas estatísticas de incorporação de dados oficiais. Foram construídas **247** variáveis a partir das perguntas do formulário de inscrição.

Todas as informações sensíveis sobre as organizações e os grupos que poderiam ser usadas para sua identificação foram suprimidas do banco de dados e não serão utilizadas em qualquer produto derivado desta pesquisa. A política de confidencialidade se estende aos dados e às informações sobre integrantes das organizações e dos grupos.

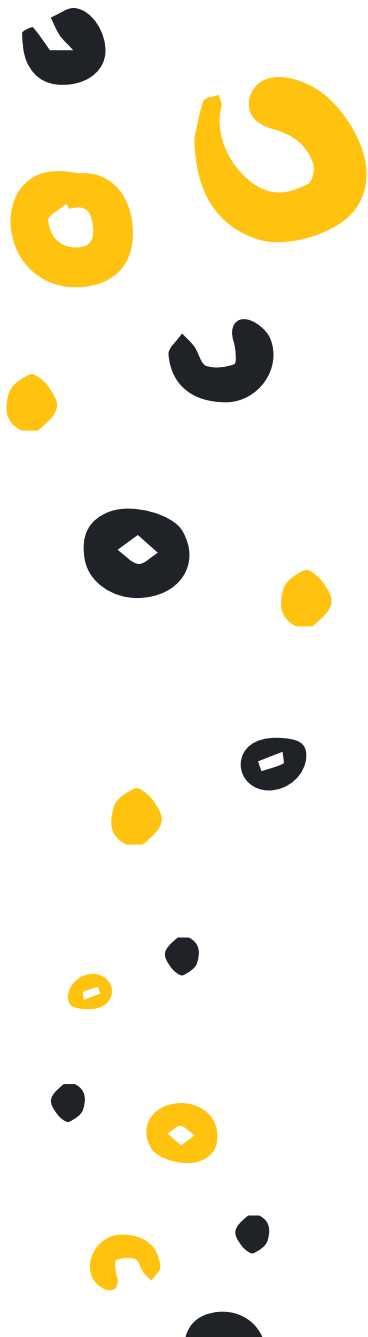
Para a realização da análise quantitativa, foram criadas duas tipologias dos perfis de lideranças, considerando os requisitos para a inserção como grupo prioritário de acordo com as exigências do edital. Sendo, na tipologia 1, as categorias: Lideranças LBTs; Lideranças Indígenas e Lideranças Negras.

Já na tipologia 2, foi aplicada a técnica da interação, utilizada nos estudos de perspectivas interseccionais, cujos marcadores identitários são também sociais e geram desigualdades numa perspectiva crítica à hierarquização de um marcador em detrimento de outro, resultando em oito categorias: Lideranças Negras; Lideranças Indígenas; Lideranças LBTs; Lideranças Negra e LBT; Lideranças Negra, Indígena e LBT; Lideranças Negra e Indígena; Lideranças Indígena LBT; Lideranças que não se identificaram com as categorias anteriores. Este último perfil agrega as organizações e grupos de mulheres que não declararam ter lideranças LBT, Negra ou Indígena.

A arguição das respostas às perguntas abertas ligadas ao impacto e ao enfrentamento da Covid-19 foi feita por metodologias múltiplas. Todo o conteúdo informado passou pela leitura de três pessoas pesquisadoras que, num primeiro momento, identificaram as temáticas centrais para as respostas de cada uma das três perguntas sobre a pandemia. Esse processo permitiu a identificação de palavras-chave e de temas recorrentes. Com esses achados, foi possível desenvolver uma matriz de macrocategorias de análise, para as quais foram criados descritores específicos.

A metodologia qualitativa consistiu na verificação das respostas às perguntas sobre o impacto da pandemia com o auxílio do *software* de análise mista *Dedoose* (versão 8.3.47b). Assim, foi possível determinar as frequências de acordo com as categorias e selecionar excertos de verbalizações.

O procedimento de categorização considerou, com base na perspectiva interseccional, as dimensões estruturais e contextuais que têm impactado as realidades das organizações, dos grupos e de suas comunidades. É importante destacar que as macrocategorias coincidem com os achados de revisão bibliográfica em termos dos contextos vividos por comunidades e por movimentos sociais no Brasil atual. Também é importante perceber que as macrocategorias nos ajudam a ter uma perspectiva sistêmica das afetações e das ações da sociedade civil no contexto da pandemia, permitindo entender as múltiplas frentes de engajamento e de atuação. A categorização, com auxílio do *Dedoose*, também permitiu a produção de nuvens de palavras.





As macrocategorias de análise foram organizadas em três grandes perguntas:

① Como a comunidade/território foi afetada pela pandemia da Covid-19?

Segundo a pesquisa, as comunidades foram afetadas, principalmente, nas seguintes categorias: acesso a ferramentas e a tecnologias digitais; acesso a informações sobre Covid-19; vulnerabilidades sociais frente ao contexto de pandemia; aumento das violências; adoecimento mental; insegurança alimentar; trabalho, emprego e renda; mobilidade; justiça socioambiental.

② Como a organização/grupo foi afetado pela pandemia da Covid-19?

As organizações foram afetadas em sua infraestrutura, na implementação de suas atividades e em sua atuação e em suas equipes. Destacam-se as categorias de impactos: acesso a ferramentas e tecnologias digitais; saúde mental das integrantes; vulnerabilidade das integrantes; trabalho, emprego e renda das integrantes; mobilização de recursos financeiros; aumento de demanda; desafio da presença não física nos territórios.

③ Como as organizações e os grupos estão superando as consequências da pandemia da Covid-19?

Para superar as consequências da pandemia da Covid-19, as organizações e os grupos foram proativos, atuaram na linha de frente, facilitaram a interlocução entre comunidade e Estado; ampliaram e fortaleceram redes; proporcionaram acolhimento e acompanhamento; executaram ações para a equidade digital; reinventaram seus ativismos.



Revisão bibliográfica

Foi realizada uma revisão bibliográfica que definiu os **referenciais teóricos** da pesquisa, em temas como: filantropia; movimentos sociais no Brasil; estudos de gênero; populações tradicionais; população LGBTQIA+; questões socioeconômicas-políticas-culturais e a pandemia da Covid-19; movimentos sociais e a pandemia da Covid-19; metodologias quantitativas e qualitativas. Essa revisão foi feita a partir de dados científicos, de artigos acadêmicos, de relatórios, de teses e dissertações e também de produções feitas pelos movimentos sociais, pelas fundações, pelas redes, por organismos das Nações Unidas, por relatórios produzidos por institutos e governos e, por fim, por produções de periódicos da grande mídia e de mídias independentes.



Proteção dos dados

Devido ao contexto de perseguição política a movimentos sociais, preservar a identidade das organizações e dos grupos foi uma escolha metodológica. Assim, retiramos das citações nomes de projetos, sites, nomes de integrantes, nomes dos grupos, ou bairro onde atuam e outras informações que pudessem expor a identidade das organizações. Neste documento tais informações foram substituídas dentro de colchetes: [Nome do grupo], [Etnia], [Cidade] etc.

Demos preferência a informações sobre perfil de lideranças e de unidade federada. De qualquer forma, a riqueza que os dados coletados fornecem para a compreensão de como as organizações e grupos de mulheres e LBTIs enfrentaram a pandemia reforçam a potência da transformação dessas organizações na sociedade civil.

Conheça as organizações e seus activismos!





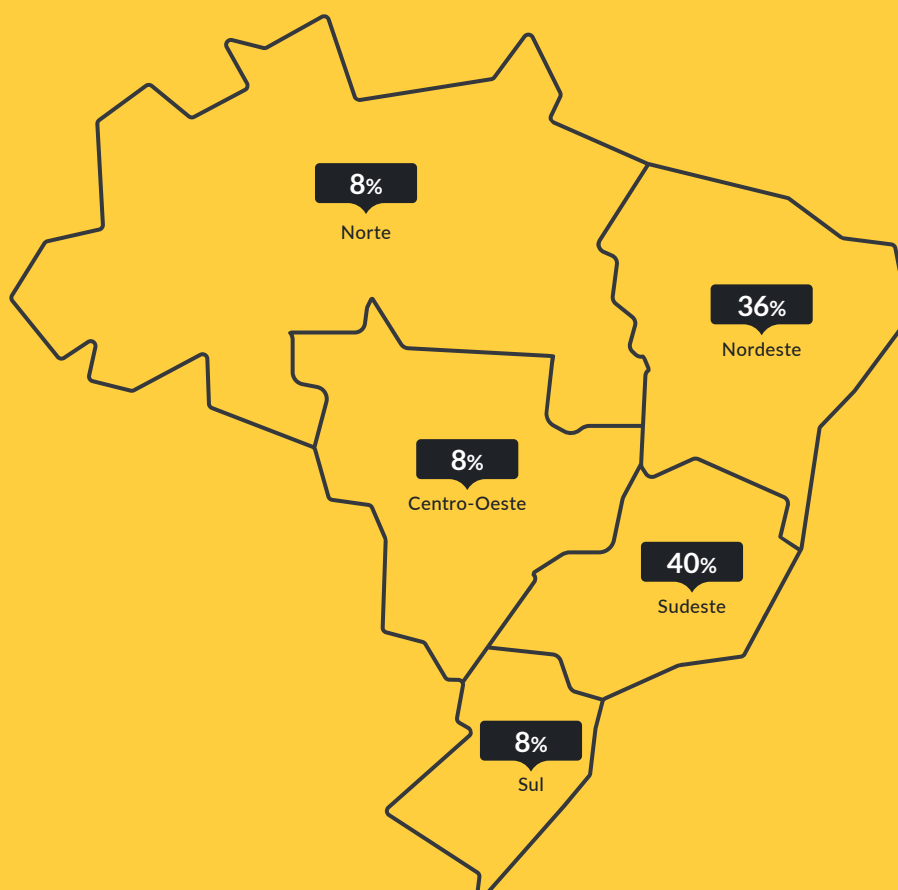
Onde estão localizadas?

O Brasil é um país dividido em 5 regiões geográficas: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. As regiões representam diversidade na distribuição da população e de suas composições raciais e étnicas, bem como em desigualdades socioeconômicas. O universo da pesquisa contém organizações e grupos de todas as regiões brasileiras e ratifica a ampla atuação dos movimentos e dos ativismos de mulheres e de LBTIs nas distintas localidades do país.

Mapa 1

Percentual de organizações/grupos por região.

(Fonte: ELAS+, 2020)



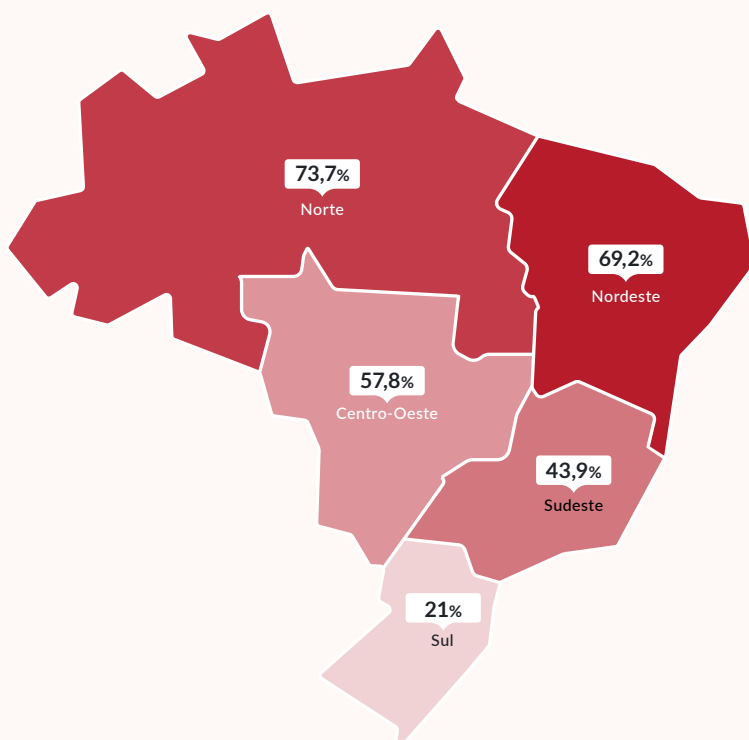


Mais da metade da população brasileira é negra (IBGE, 2019) e essa, junto à indígena, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2016), estão concentradas nas regiões com menores índices de desenvolvimento humano (IDHM, 2010) e os maiores níveis de desigualdades do país, nas regiões Norte (73,7%) e Nordeste (69,2%). Por outro lado, estão as regiões Sul (78,3%) e Sudeste (54,9%) com maioria da população autodeclarada branca e melhores condições de IDHM, além dos menores índices de desigualdade.

Mapa 2

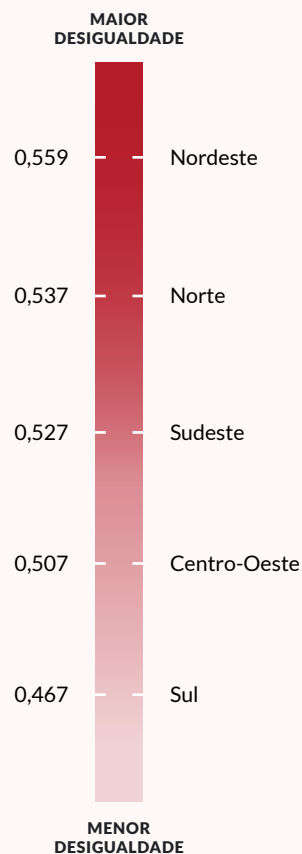
O mapa mostra o percentual de população negra e indígena nas regiões do Brasil.

(Fonte: IBGE, 2019. IPEA, 2016)



Termômetro da desigualdade na concentração de renda das regiões.

(Fonte: Índice de Gini, IBGE, 2020)





Quando foram fundadas?

O período marcado pelo acirramento da crise política no país, que culminou no *impeachment* da primeira presidenta do país, Dilma Rousseff, em 2016, o estabelecimento de uma política de precarização das relações laborais e a perda de direitos trabalhistas já consolidados, com as reformas trabalhista e da previdência e a profunda crise econômica, que elevou as taxas de desocupação e desalento da população aos maiores níveis nas séries históricas disponíveis, além de cortes em políticas públicas de assistência social, educação e saúde, corresponde ao período de fundação da maioria das organizações e dos grupos, 44,1%, que declarou fundação no quadriênio de 2016 a 2020. A idade média das organizações e dos grupos ficou em 9,6 anos; a organização mais nova tinha 1 ano em 2020, enquanto a mais antiga possuía 73 anos desde a sua fundação.

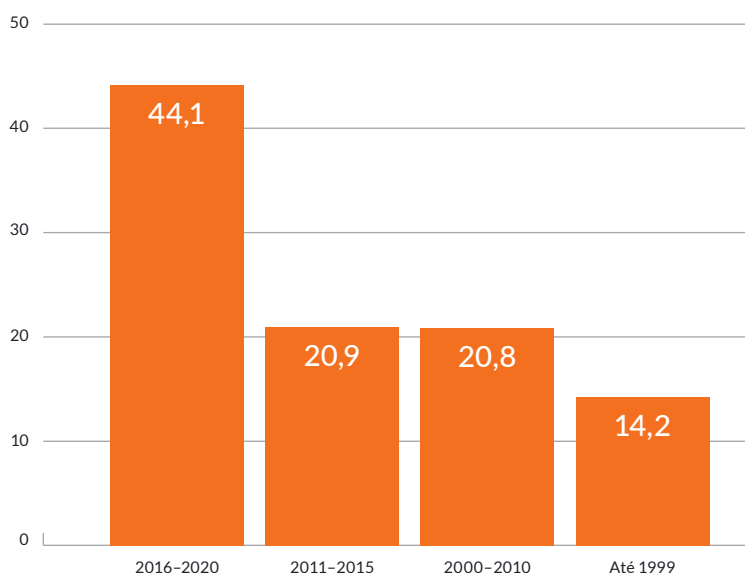


O acirramento da crise política, social e econômica, em 2016, marcou a fundação da maior parte das organizações de mulheres e de LBTIs, cujo percentual é superior aos quinze primeiros anos dos anos 2000.

Gráfico 1

Percentual de organizações/grupos por ano de fundação.

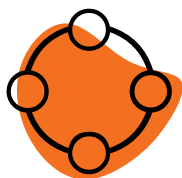
(Fonte: ELAS+, 2020)





O número de participantes das organizações e dos grupos mais do que quadruplicou desde a fundação.

A maior parte das organizações e dos grupos ampliou o número de integrantes. Em média, as organizações iniciaram suas atividades com 23 participantes e, no período recente, apresentaram um incremento expressivo, para 102 integrantes. Algumas iniciaram suas atividades com uma ou duas pessoas, enquanto outras iniciaram com 10.000 integrantes. Atualmente, o número máximo de participantes das organizações e grupos é de 10.000.



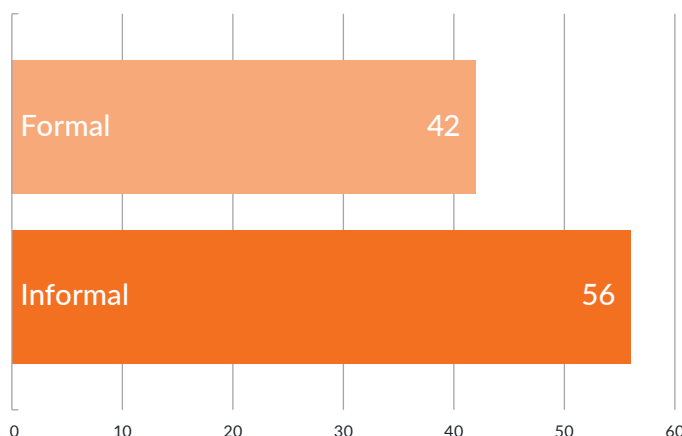
Estrutura organizacional

Formalização: No conjunto de organizações e de grupos da pesquisa, a maioria não possui registro oficial (CNPJ-Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica). Este dado reitera as especificidades dos resultados da pesquisa acerca dos ativismos e movimentos sociais de mulheres e de LBTs que se estruturam a partir de outras formas organizativas, para além do registro formal. Esta multiplicidade não é considerada nos levantamentos oficiais, cuja conceituação de organizações da sociedade civil as restringe àquelas instituições vinculadas ao registro oficial. A formalização, por sua vez, vincula as organizações ao Mapa das Organizações da Sociedade Civil, plataforma colaborativa de transparência com dados das organizações sociais civis brasileiras, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2016).

Gráfico 2

Percentual de organizações/grupos e formalização.

(Fonte: ELAS+, 2020)



56% dos movimentos de mulheres e LBTs no Brasil são informais.

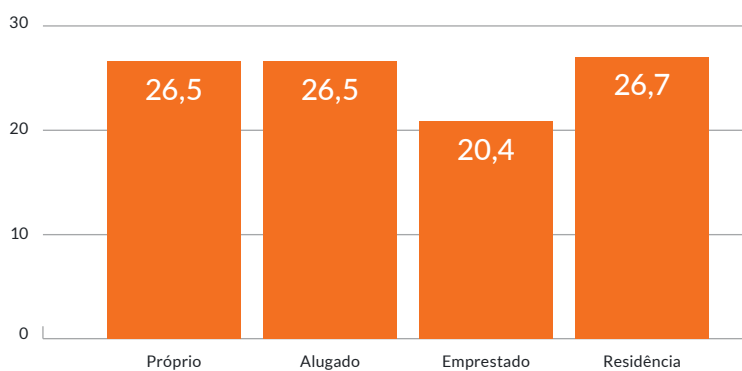
73,6% dos movimentos de mulheres e de pessoas trans sediam seus ativismos em suas residências, em espaços alugados ou em imóveis emprestados.

Infraestrutura organizacional: 73,6% não possuem sede própria: são sediadas em endereços alugados, emprestados ou utilizam a própria residência para o exercício das suas atividades e reuniões. Apenas 26,5% declararam ter endereço próprio, ou seja, a grande maioria das organizações e dos grupos não têm segurança quanto aos imóveis nos quais estabelecem suas atividades.

Gráfico 3

Percentual de tipos de endereço das organizações/grupos.

(Fonte: ELAS+, 2020)



Um número expressivo das organizações e dos grupos se declararam como feministas, 93,7%. Neste conjunto, há uma miríade de definições e de formas de organização que revela a pluralidade dessas ativistas, cuja classificação de tipos de organização foi assinalado em mais de uma forma de classificação de ativismo. São diferentes organizações de mulheres que revelam a diversidade dos engajamentos sociais nos quais elas estão inseridas e atuantes.



Quanto se investe em seus ativismos?

O orçamento das organizações e dos grupos aponta **elevada disparidade** nos anos de 2019 e 2020.

13% gastaram ao longo de 1 ano até meio salário-mínimo; entre um e cinco salários-mínimos, 16%; entre cinco e vinte salários-mínimos, 25%; entre vinte e cinquenta salários-mínimos, 19%; entre cinquenta e cem salários-mínimos, 12%; e tiveram gastos acima de R\$104.500, 14% das organizações.

Com esta disparidade, vê-se que o desenvolvimento de suas ações contou com aportes financeiros muito diferentes, com prejuízos institucionais para a maioria delas devido ao baixo montante. Mais da metade das organizações (54%), contaram com até R\$20.900,00 (vinte mil e novecentos reais) para suas atividades ao longo do ano.

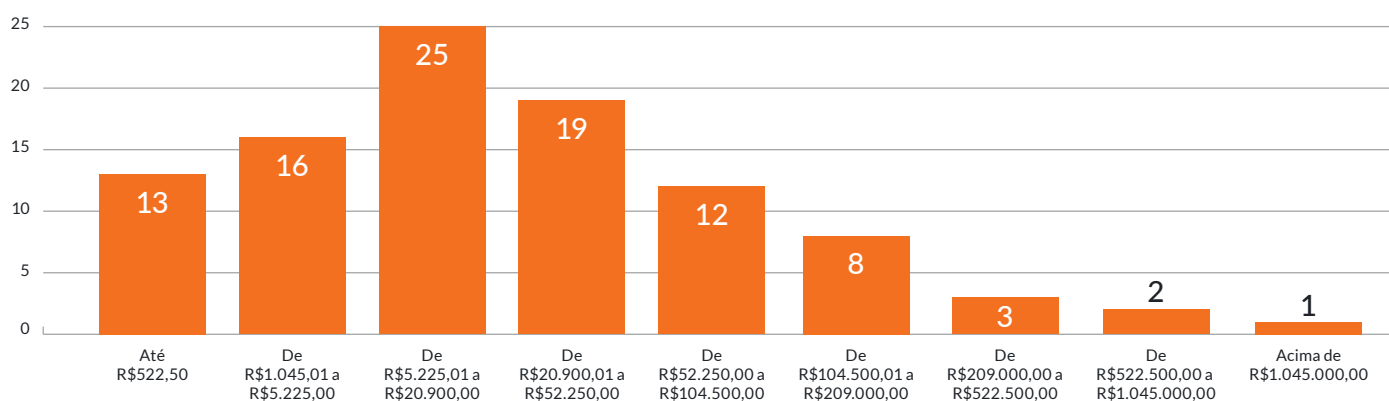


Ainda hoje, muito pouco se investe em organizações e em grupos liderados por mulheres no Brasil.

Gráfico 4

Percentual de organizações/grupos por recurso entre 2019 e 2020.

(Fonte: ELAS+, 2020)



Quais as fontes de financiamento?

As fontes de recursos mais citadas—as doações individuais, a realização de eventos, o voluntariado, as vendas, seguidas pelo financiamento decorrente das OSC nacionais, dos fundos independentes nacionais e das fundações privadas nacionais. Referem-se a estratégias desenvolvidas pelas próprias organizações e grupos, que, diante do contexto de recessão econômica, de suspensão de editais, da exigência do isolamento social e da demanda por ações emergenciais em suas comunidades de atuação, foram profundamente afetadas. Nos patamares mínimos de financiamento nacionais, estão as esferas governamentais e as empresas privadas.

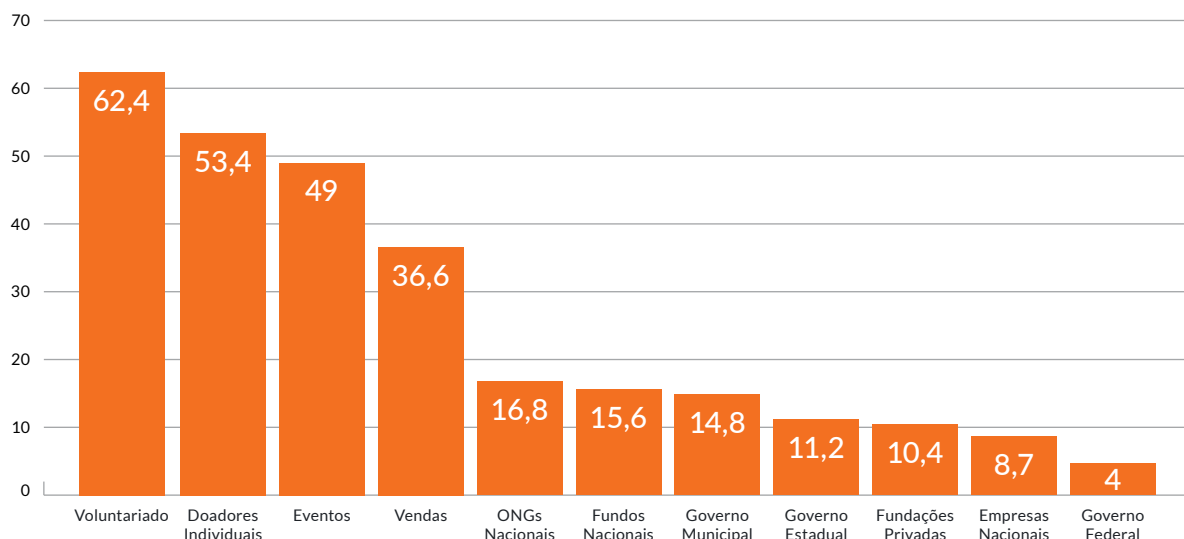
As empresas privadas estão entre as que menos financiam organizações lideradas por mulheres no Brasil.



Gráfico 5

Percentual de fontes de financiamento das organizações/grupos.

(Fonte: ELAS+, 2020)



No âmbito dos recursos internacionais, houve financiamento das ONGs, das fundações privadas internacionais e dos órgãos multilaterais. Os fundos, as empresas e os governos estrangeiros não financiaram nenhuma das organizações da sociedade civil nessa pesquisa. Reiteram-se os desafios em termos do acesso a informações acerca desses financiamentos e das barreiras em decorrência do conhecimento de língua estrangeira, uma vez que, segundo o levantamento da British Council, em 2019, apenas 5% da população brasileira sabia se comunicar em inglês.

Ínfima participação internacional no financiamento das organizações e grupos de mulheres e de LBT no Brasil.

6,5%

ONGs Internacionais

6%

Fundações Privadas

3,8%

Órgãos Multilaterais

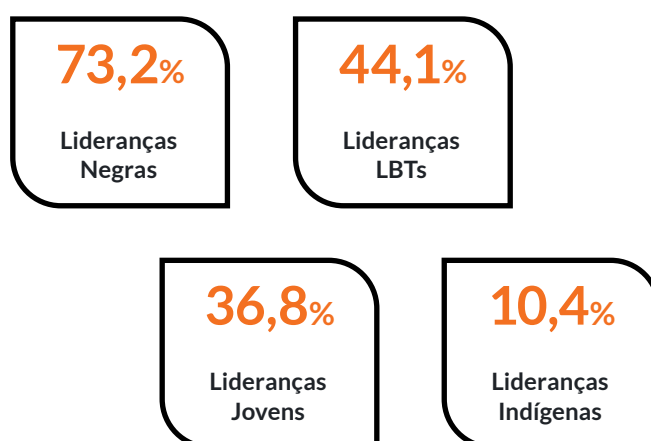


Liderança

A histórica atuação política das mulheres negras no Brasil se revela na predominância de 73,2% nas organizações e nos grupos. Trata-se ainda de uma representação relevante, visto que a proporção de pessoas negras nas lideranças dos grupos é ainda maior do que seu peso relativo na população do país, na qual as pessoas negras correspondem a cerca de 51% da população total.

As mulheres indígenas lideram 10,4% das organizações e dos grupos, percentual elevado quando comparado à proporção de indígenas na população brasileira, na ordem de 0,47% da população total do país, de acordo com dados do Censo 2010 (IBGE).

A atuação de LBTs na liderança das organizações e grupos se mostrou bastante robusta, estando representadas em quase metade do universo, 44,1%.



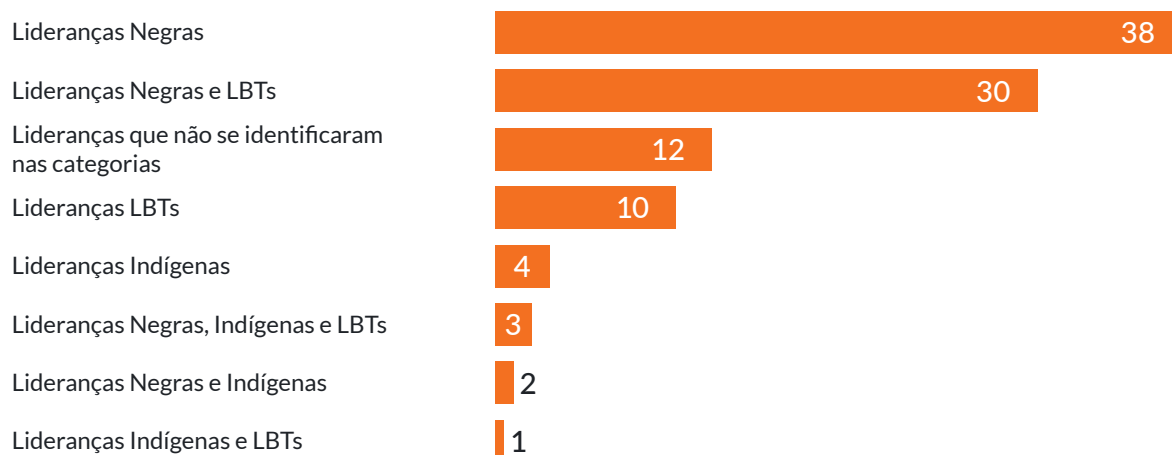
Existem, por um lado, organizações e grupos que possuem somente um perfil de liderança e outros corroboram o argumento central da diversidade racial, étnica, de gênero e de sexualidade presente nos movimentos de mulheres e LBTIs, através das novas faces dessas lideranças. Com isso, em se tratando desses movimentos, podemos identificar um conjunto em que os perfis das lideranças trazem como centralidade os marcadores de raça/etnia (lideranças negras e lideranças indígenas) e gênero/sexualidade (lideranças LBT), totalizando 52% dos grupos, a respeito daqueles com perfis de lideranças mais diversificados, tais como raça/sexualidade/gênero (lideranças negras LBT), raça/etnia/gênero/sexualidade (lideranças negras indígenas LBT), raça/etnia (lideranças negras indígenas) e etnia/LBT (lideranças indígenas LBT), compreendendo 48% dos grupos.

Os movimentos sociais de mulheres e de LBTIs no Brasil são interseccionais.

Gráfico 6

Percentual de grupos por perfil interseccional de lideranças.

(Fonte: ELAS+, 2020)



É importante ressaltar a atuação das lideranças de mulheres indígenas, das lideranças negras indígenas ou das lideranças indígenas LBT, que exercem um papel fundamental na produção desses ativismos, dando visibilidade para as ações dos movimentos indígenas, seja nas aldeias ou em contexto urbano frente à pandemia.

**Como atuam as organizações ou grupos de mulheres e LBT?**

As diferentes frentes de atuação ratificam o compromisso das organizações e dos grupos com as demandas coletivas, na promoção de ações junto às áreas nas quais estão inseridas, que são, por vezes, alheias ao poder estatal e às políticas públicas. São estratégias de atividades de formação, ação coletiva ou trabalho em rede, ações de mobilização social, atendimento direto às comunidades, promoção de debate público, controle e participação social e *advocacy*. Nestas intervenções, possuem estratégias de interesse público e coletivo em busca da justiça social, no diálogo direto com a população, exercendo, assim, o direito de participação e controle das decisões públicas e a implementação de políticas públicas. E são desenvolvidas pelos diferentes perfis de lideranças, sejam elas negras, indígenas ou LBTIs.

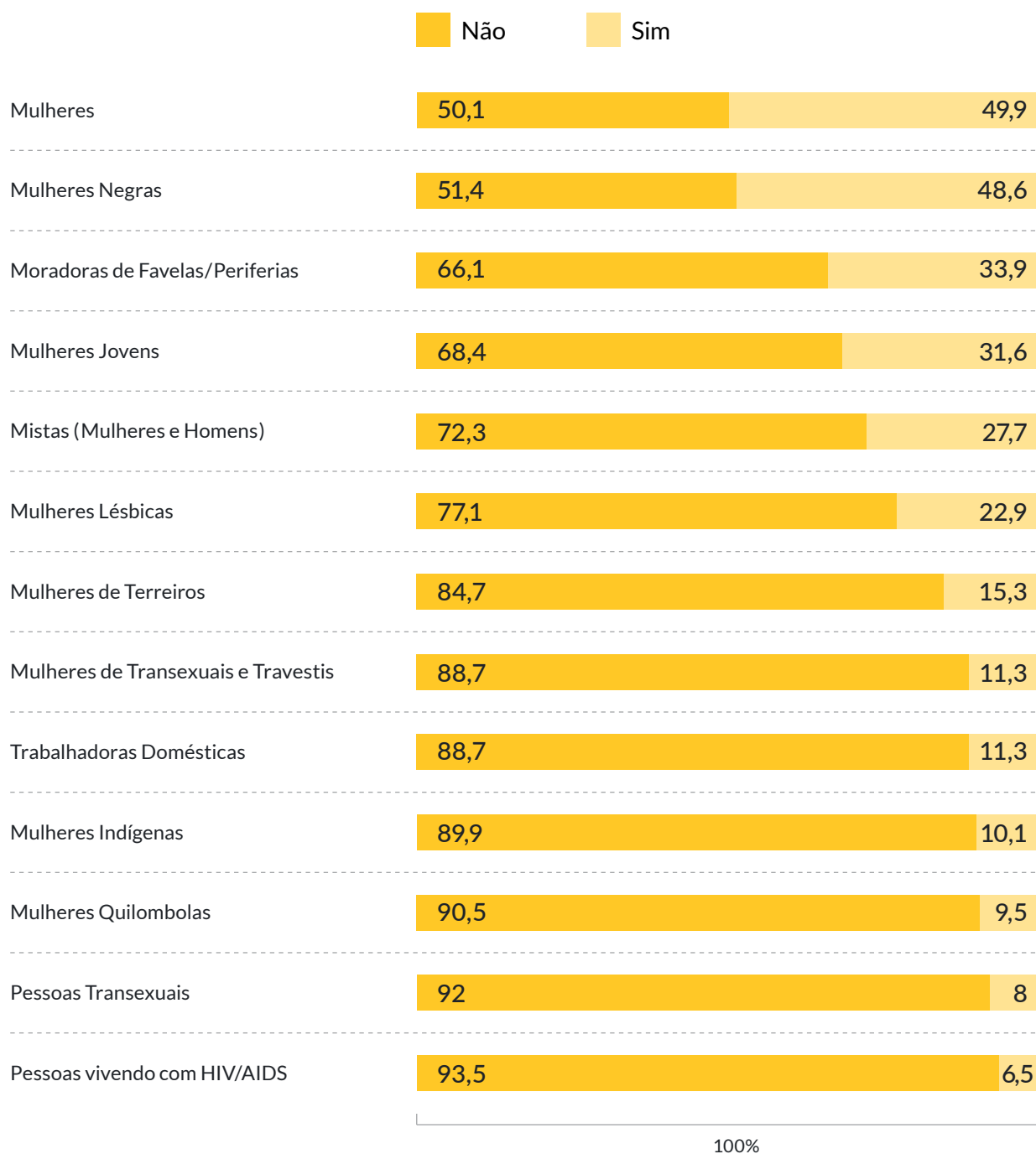


Ativismos das organizações de mulheres e de LBTs, de grupos identitários à territoriais

Gráfico 7

Percentual de formas de organização dos movimentos da sociedade civil.

(Fonte: ELAS+, 2020)



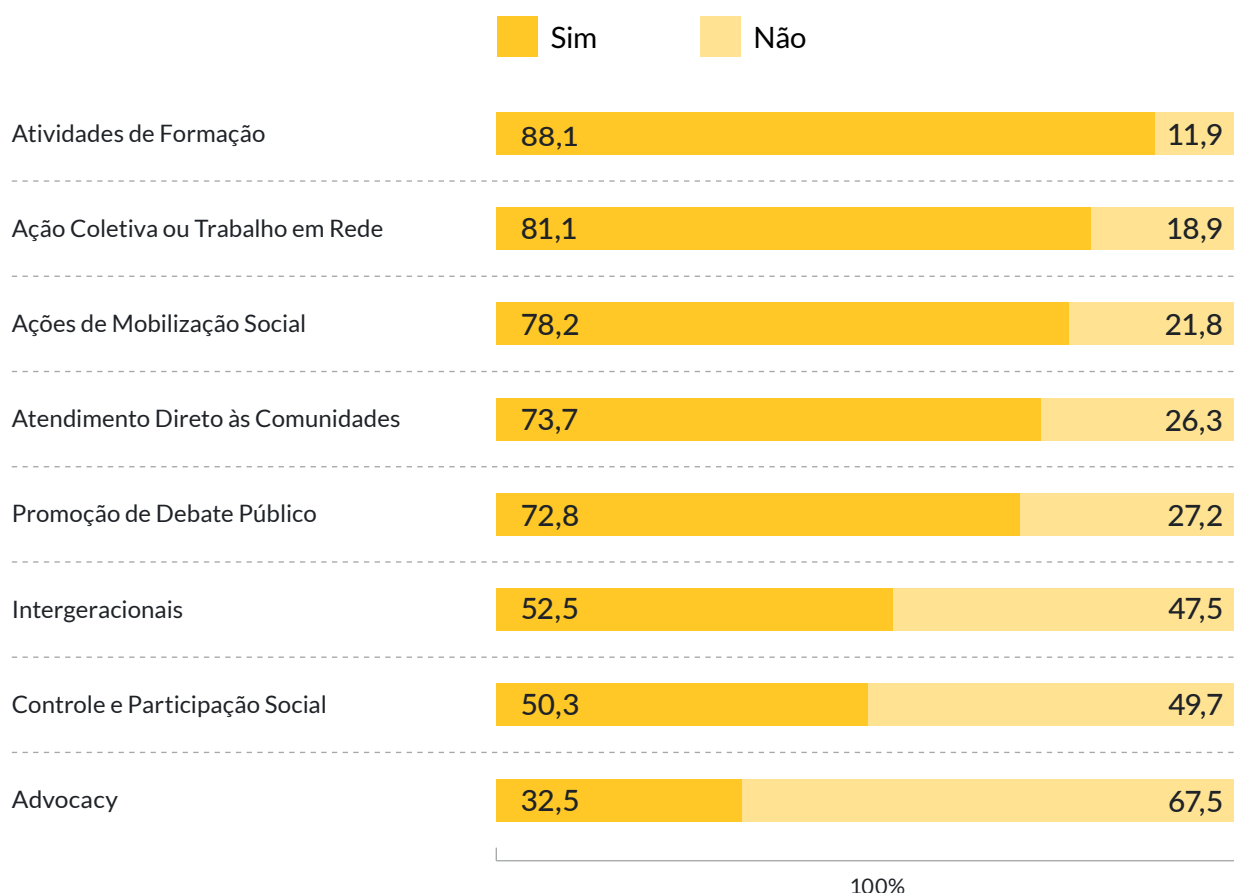


A diversidade de atuação das organizações e grupos de mulheres e de LBTIs: das atividades de formação ao advocacy

Gráfico 8

Percentual de formas de atuação das organizações/grupos.

(Fonte: ELAS+, 2020)



No que tange ao nível de atuação, é notório o evidente montante de organizações e de grupos que possuem atuação em rede, ou seja, fazem parte de alianças, coalizões, frentes de ativismo e de estratégias conjuntas ou coletivas. A atuação em rede é destaque em todas as categorias de lideranças, sejam elas LBT, negra ou indígena e se dá recorrentemente em intermovimentos e entre grupos intergeracionais.

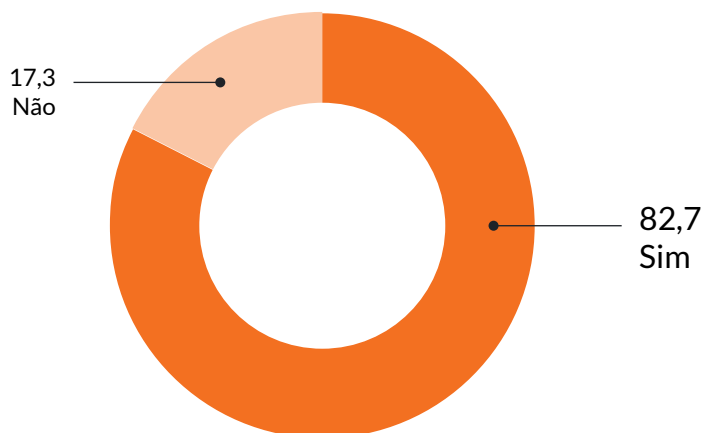


Gráfico 9

Percentual de organizações/grupos que atuam em rede.

(Fonte: ELAS+, 2020)

A atuação em rede é a estratégia predominante das organizações e dos grupos.



Perfil das beneficiárias das organizações lideradas por mulheres

As beneficiárias representam a parcela da população a quem se destinam os resultados do ativismo das organizações pesquisadas. A pesquisa mostra que são grupos de mulheres de distintas gerações, raças, etnias, sexualidades, gêneros, vinculações profissionais e estudantis e em situações de vulnerabilidades.

Destacam-se nas causas: **gêneros e sexualidades**—abarcando as mulheres negras, pessoas transexuais, intersexuais, bissexuais e lésbicas; **geracionais**—junto às pessoas adultas e pessoas idosas; **vulnerabilidades**—moradoras/res de favelas e periferias, mulheres em situação de violência doméstica, aquelas em situação de violência sexual, pessoas com deficiência e pessoas vivendo com HIV/AIDS; **estudantis**—universitárias/os e estudantes do ensino médio; e **profissionais**—trabalhadoras da saúde, da educação, domésticas, da arte, cultura e moda, profissionais do sexo e gestores públicos.

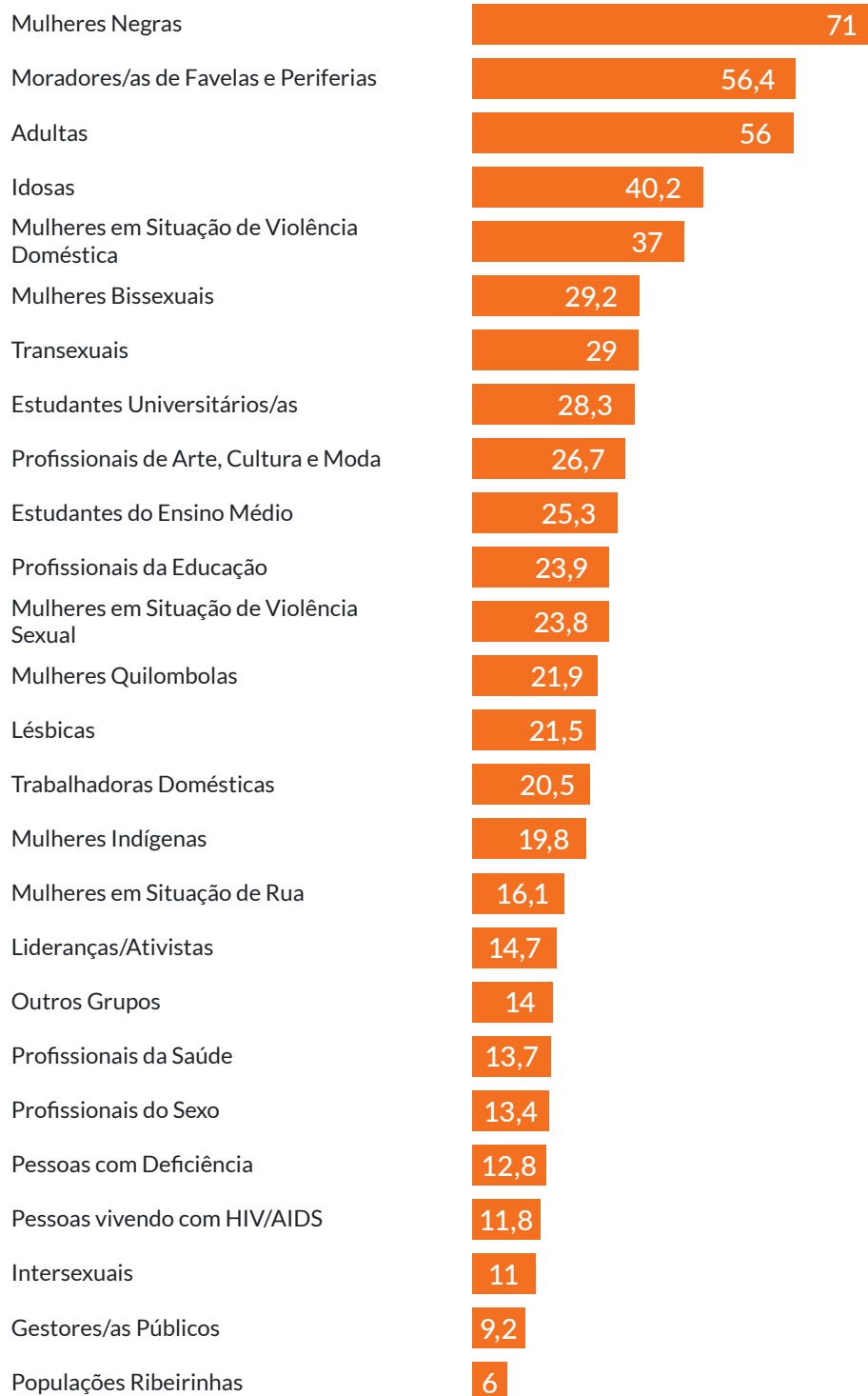


Contextos de desigualdades e de vulnerabilidades caracterizam as beneficiárias dos movimentos de mulheres e de LBT brasileiras.

Gráficos 10

Percentual de beneficiárias.

(Fonte: ELAS+, 2020)

Organização Benefícia (%):



A pandemia na voz das mulheres e de LBTs



O objetivo da pesquisa foi contribuir para o entendimento do contexto social, político e econômico brasileiro no qual atuam movimentos sociais democráticos liderados por mulheres e por pessoas trans frente às primeiras consequências geradas pela pandemia da Covid-19.

Organizações em todo o país agiram com rapidez e com abrangência frente aos diversos desafios trazidos pela pandemia. Conheça essas experiências a partir das vozes das próprias ativistas.



Como a comunidade/território foi afetada pela pandemia?

A falta de informações sobre o novo vírus da Covid-19, juntamente com as medidas de isolamento social sem amparo governamental, contribuiu para o avanço do desemprego e para o aumento significativo da insegurança alimentar nas comunidades e nos territórios, enquanto o acesso desigual às ferramentas digitais e tecnológicas ficaram evidentes. Também se intensificaram as injustiças socioambientais, afetando diretamente a saúde mental da população. A permanência nos lares, para muitas pessoas, se converteu em risco de violência física, sexual, psicológica e LGBTQIfóbica.

“

(...) mulheres (muitas analfabetas, ou semianalfabetas), sobrecarregadas com as tarefas de casa e ajudando seus filhos e filhas a responderem as atividades remotas das escolas, crianças depressivas, pois precisam manter distanciamento de seus amigos e, como se não bastasse, muitas das quais vítimas de violência doméstica e obrigadas a conviverem confinadas com agressor.

Ativista do estado da Bahia

“

A pandemia veio como um viés para escancarar para o mundo que as periferias, as comunidades quilombolas, os povos indígenas, os povos de terreiro, a população do campo, a mulher, a mulher negra, a criança e o adolescente em situação de vulnerabilidade(...) a precariedade de sobrevivência na comunidade, nas aldeias, nossos parentes passando fome e sofrendo com a doença, a falta de trabalho, de saneamento básico, compartilhamento de internet para os jovens terem acesso às aulas remotas, estudar para o Enem, auxílio emergencial, a ausência de políticas públicas, ficou explícito para a sociedade.

Liderança Indígena, Negra.
Rio Grande do Norte

“

As desigualdades digitais, que são cada vez mais sociais, tornam a comunicação, em tempos de isolamento social, fragilizada e dependente de créditos e de smartphones, o que irá prejudicar tanto o contato com a família e a rede de afeto, como o acesso a cadastramento em políticas específicas para amenizar as consequências da pandemia, em especial o auxílio emergencial do governo federal.

Liderança Indígena, LBT, Jovem. Estado do Rio de Janeiro

A desinformação sobre prevenção da Covid-19 e as *fakes news* contribuíram para o aumento do número de contágios. As narrativas falsas nas redes sociais reforçaram políticas e tratamentos ineficazes e a propagação de discursos de ódio.

“

(...) tem um fenômeno que vale a pena evidenciar, existe uma espécie de negação da gravidade do novo coronavírus, fazendo com que as pessoas não obedeçam às determinações do isolamento e do distanciamento social.

Liderança Negra, LBT. Estado da Bahia

“

Tivemos como impacto, a escassez do acesso à informação de direitos básicos e ineficiência no acesso aos canais de denúncia a violências, afetando diretamente o exercício de direitos, tanto nos aspectos da saúde, quanto no combate a violações de gênero/raça/sexualidade. As violações, inclusive, se dão a nível estatal, uma vez que a violência policial aumentou três vezes mais nas periferias do nosso estado.

Liderança Negra, LBT. Estado do Pará

“

(...) um aumento significativo de conteúdos relacionados à gravidez indesejada, e principalmente dúvidas recorrentes sobre saúde da mulher. Impossibilitadas de ir ao ginecologista ou a um posto de saúde, várias mulheres ficaram sem acesso a métodos contraceptivos e sem uma fonte segura de informação, o que levou várias delas a contraírem DSTs ou até uma gravidez indesejada.

Liderança Negra, LBT, Jovem.
Estado de São Paulo

A pandemia escancarou a falta de infraestrutura socioeconômica que atinge grande parte da população brasileira e evidenciou a falta de serviços básicos públicos para seu enfrentamento.



Como se proteger do vírus, sem sequer ter como lavar as mãos?

“

Como lidar com o controle da pandemia num estado carente de infraestrutura, que, historicamente, negou ao povo condições mínimas de vida digna, como acesso à água, ao saneamento, à saúde e ao trabalho e à renda?

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Maranhão



“

Há muitas pessoas que residem nas palafitas, nos becos e nas vielas do bairro que não tem acesso à água encanada, a dinheiro extra para comprar o álcool em gel superfaturado e o material de limpeza para cuidar da casa.

Liderança Negra, LBT. Estado de Pernambuco



A insegurança alimentar atinge mais as regiões Norte e Nordeste, a população negra e as famílias que vivem onde não há garantia de acesso à água.

No contexto da pandemia, a insegurança alimentar teve aumento de 62,2%. Já a insegurança alimentar moderada aumentou 76,1% e a grave, 43,7% em relação a 2013 (IBGE, 2020).

“

Uma das principais problemáticas têm sido a impossibilidade de sanar demandas emergenciais, como a fome. Algumas famílias realmente não têm o que comer, pois os responsáveis pela família perderam os empregos informais no cenário de pandemia.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Piauí

“

(...) afetou profundamente a vida e o cotidiano das mulheres do Xingu, principalmente, das que são provedoras dessas estruturas familiares, que são a maioria. Isto porque, geralmente, elas são a segurança financeira, de equilíbrio emocional e psicológico da sua família (...)

Liderança Indígena, Negra, LBT, Jovem. Estado de Mato Grosso



A perda do trabalho. A precarização do trabalho. O perigo da contaminação

“

Temos algumas mulheres que trabalham como diarista, foram as primeiras a serem atingidas pela pandemia, as patroas não queriam mais sua presença em sua casa, com medo de que elas seriam as transmissoras do vírus (...)

Liderança Indígena, Negra, LBT, Jovem. Estado do Espírito Santo

“

O principal impacto foi o fim do trabalho devido ao isolamento com o fechamento do comércio. Todas são vulneráveis e trabalhavam na informalidade, sem nenhum direito garantido. De repente, se viram sem comida, sem dinheiro e com aluguel e muitas contas a pagar(...) A ansiedade, a insegurança, o medo e as carências aumentaram.

Liderança Indígena, Negra. Estado de São Paulo

Uma das consequências da pandemia na economia foi a desvalorização da moeda. A inflação aumentou o preço dos alimentos e do gás de cozinha, prejudicando também as pequenas empreendedoras que atuam no mercado informal com a produção de salgados, marmitas, doces etc.

“

Há cerca de 700 baianas na orla de Salvador que não podem comercializar e elas não foram atendidas pelo governo municipal, porque não têm licença ou protocolo. 80% delas não têm um segundo sustento, toda a renda de sustento vem do tabuleiro (...)

Liderança Negra. Estado da Bahia

“

O contexto de pandemia tem sido muito difícil para os trabalhadores da área da cultura, pois os shows, os espetáculos e as apresentações foram cancelados.

Liderança Negra, LBT. Estado do Pará

“

A dificuldade de deslocamento, decorrente da redução do transporte, fez com que muitas das agricultoras deixassem de ter acesso à compra de sementes e à comercialização da produção.

Liderança Negra, Jovem. Estado do Alagoas

As participantes relatam perdas de direitos, radicalização da distância social entre ricos e pobres e a manutenção do racismo estrutural.

“

(...) território abrangido pela [organização] tem uma cultura de trabalho informal, forçado pelo preconceito racial e por falta de políticas públicas de incentivo na geração de emprego e renda. Seja na cidade ou no campo, atuamos em comunidades que a maioria das pessoas estão fora do trabalho formal, a maioria são ambulantes, trabalhadoras domésticas, manicures, diaristas, desempregadas e desalentadas (,) em situação de rua, pessoas que fazem abuso de álcool e drogas, profissionais do sexo e vítimas de violência doméstica.

Liderança Negra, LBT. Estado da Bahia



Uma batalha cuidar da saúde! A pandemia só agravou o quadro

A população negra teve maior taxa de óbitos em relação à população branca, sendo respectivamente 172 óbitos a cada cem mil negros versus 115 para a população branca, no município de São Paulo (PÓLIS, 2020).

“

Aqui, no Rio de Janeiro, o número de mortos tem crescido vertiginosamente. A população mais atingida é preta/negra, pobre e favelada. Há uma questão de raça e classe que, durante a pandemia e a crise, impacta diretamente sobre nossos corpos.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Rio de Janeiro

De acordo com dados do Consórcio de Veículos de Imprensa, registrados a partir das Secretarias Estaduais de Saúde (G1, 2021), estima-se que em julho de 2020, o Brasil registrou mais de 1500 mortes diárias por Covid-19. Em março de 2021, esse número passava de 2300 mortes diárias.



Trabalho, emprego e renda

Alguns segmentos de trabalhadoras e trabalhadores sofreram com mais força os impactos da pandemia que afeta a economia do país: o número de trabalhadoras e trabalhadores domésticos, por exemplo, caiu 27% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2019 (IBGE, 2020). As mulheres foram o grupo com maior número de afastamentos do trabalho: em maio, 15% dos homens contra 23,5% das mulheres.

As ativistas participantes desta pesquisa mencionaram, dentre as mais impactadas, as diaristas, as profissionais do sexo, as catadoras de material reciclável e as comerciantes informais. As populações tradicionais, localizadas em áreas rurais, tiveram as perdas financeiras agravadas com a proibição de atividades turísticas e com a limitação no escoamento de produção agrícola ou artesanal.

“

Com relação às profissionais do sexo, destacamos que a possibilidade de realizar seu trabalho tem sido gravemente comprometida, o que afeta sua renda e sua capacidade de sobrevivência.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Distrito Federal

“

...Todas são vulneráveis e trabalhavam na informalidade, sem nenhum direito garantido. De repente, se viram sem comida, sem dinheiro e com aluguel e muitas contas a pagar... Também encontraram enormes dificuldades para realizar o cadastramento para o auxílio emergencial do governo, devido à dificuldade com idioma, à ausência de documentos, à falta de habilidade com as ferramentas tecnológicas, a informações incompletas, ficando, assim, sem receber o auxílio.

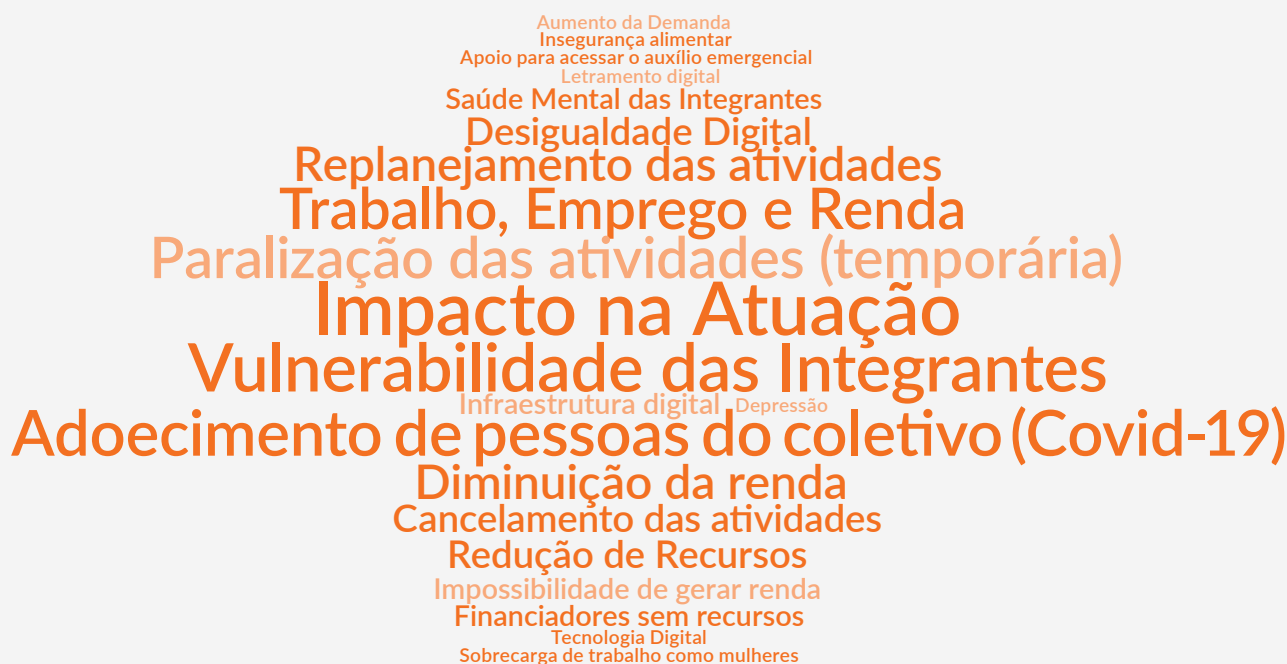
Liderança Indígena, Negra. Estado de São Paulo

“

Assim como outras comunidades marginalizadas, pessoas LGBTI+, especialmente mulheres cis e trans, foram atingidas desproporcionalmente pela pandemia da Covid-19. Pesquisas indicam que o nível de desemprego de pessoas LGBTI+ é quase o dobro do referente à população geral (UFMG e Unicamp, 2020).

Liderança LBT, Jovem.
Estado do Rio de Janeiro

Na nuvem abaixo, a categoria “Trabalho, Emprego e Renda das Integrantes” aparece em destaque entre organizações e grupos com perfil de liderança Negra, LBT (281). Vale destacar que o “impacto na atuação” se mantém com alta incidência de narrativas, assim como no perfil de lideranças negras (366).





Como as organizações e os grupos foram impactados?

A pandemia também teve impacto sobre as organizações e os grupos ativistas, afetando infraestrutura, dinâmicas internas de trabalho e de suas ações sociais externas.

Muitos sonhos foram adiados ou transformados. As ativistas narraram os planos que tinham para materializar seus sonhos coletivos, mas que diante da pandemia foram ressignificados.

As organizações e os grupos relataram a princípio: choque, susto e paralisia. Identificamos três situações de mudanças ocasionadas pela pandemia nas organizações pesquisadas: adaptaram seu ativismo para ações emergenciais e de apoio humanitário; paralisaram por um breve momento para desenvolver novas formas de ativismo; uma minoria paralisou suas ações, pois eram inviáveis com o cenário pandêmico.



Distanciamento social e ativismo, ativismo à distância

“

A cultura do trabalho presencial e coletivo (...) foi historicamente a base metodológica dos movimentos socioambientais e socioculturais do território Xingu. A estratégia de comunicação e de interação corpo a corpo era ainda predominante (...) a interconexão das redes sociais ainda era muito pouco utilizada como principal ferramenta de comunicação social.

Liderança Indígena, Negra, LBT. Estado do Pará

“

A pandemia, para além de limitar nossa circulação pela cidade, afetou nossas ações diretamente, uma vez que grande parte das mulheres que participam das nossas ações está inserida num contexto de profunda vulnerabilidade, elas possuem pouco ou quase nenhum acesso à internet (...)

Liderança Negra.
Estado de São Paulo



“

Com a chegada da pandemia, precisamos parar totalmente nossas atividades presenciais como as oficinas e as feiras que realizamos. Nossas organizadoras, por serem também profissionais autônomas, precisaram buscar auxílios variados para subsistência de suas famílias e o projeto foi bastante atingido, ficando temporariamente suspenso.

Liderança Indígena, Negra, LBT. Estado de São Paulo

“

Uma das questões que nos afetou durante a pandemia é o impedimento para realizar nossas atividades em público e nas ruas da cidade, pois nossas mobilizações nas ruas mantém o grupo reunido, levantando bandeiras de luta, construindo parcerias e levando arte e poesia de diversas formas para várias comunidades.

Liderança Negra, LBT, Jovem.
Estado de Pernambuco



Desigualdade digital

A falta de acesso a ferramentas e tecnologias digitais trouxe consequências para as organizações e os grupos. Os ativismos dependem cada vez mais do acesso aos dispositivos digitais e à internet, faltam equipamentos e formação em tecnologia para superar a desigualdade digital.

“

Essa questão do acesso não restringiu apenas a participação das mulheres em rede, mas também invisibilizou a articulação da própria equipe gestora, uma vez que, nem todas possuem um aparelho celular adequado, ou, por morar em áreas periféricas, onde o sinal de internet não chega ou é disponibilizado a partir de valores fora do contexto real.

Liderança Negra. Estado de São Paulo

“

50% das mulheres da rede são periféricas e muito pobres, não têm celular e internet avançados para acompanhar atividades online.

Liderança Negra, LBT. Distrito Federal

“

A pandemia nos mostrou que precisamos estar conectadas por outros meios que incluam o acesso a tecnologias, antes aparentemente distantes da nossa realidade, mas que hoje se mostram como essenciais para a mobilização e articulação política.

Liderança Indígena, Negra. Estado do Rio Grande do Sul



Adoecimento mental das ativistas

As sensações de medo, a incerteza, a insegurança, as perdas e a impotência, além da sobrecarga de trabalho, da impossibilidade de realização de atividades presenciais, do aumento de demandas e do medo do contágio foram alguns dos elementos destacados que correlacionam o ativismo com a saúde mental das integrantes.

“

(...) adoecimento mental das integrantes em decorrência da sensação de impotência diante de tantas demandas. Fazemos semanalmente oficinas de autocuidados, pois ficou tão grave que percebemos que não estávamos bem nem para ajudar outras pessoas.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Piauí

Alguns grupos foram afetados diretamente pelo adoecimento ou perda de integrantes pela Covid-19. Além do luto em si, agrava o medo e a ansiedade decorrente dele, de que haja novas contaminações, gerando maior vulnerabilidade emocional.

“

(...) o aumento do número de casos de depressão. Muitos indígenas estão se deprimindo no isolamento ou por função de quando um parente seu vai a óbito ela não pode se despedir. (...) O número de psicólogos para atender os indígenas é insuficiente. Uma jovem se suicidou esta semana em função de depressão.

Liderança Indígena.
Estado do Mato Grosso do Sul

“

(...) paramos os trabalhos e ficamos no isolamento social, seguindo as orientações dos órgãos de saúde, mesmo assim, diversas companheiras e companheiros do coletivo ainda foram infectados.

Liderança Negra, LBT. Estado do Ceará

“

De maneira geral, somos mulheres, algumas mães, conciliando home office, maternidade e militância, outras, reinventando a vida devido a demissões. Contudo, a demanda por atendimento psicossocial e apoio para manter o centramento e reinventar a vida, lidar com impactos socioeconômicos tem aumentado nas comunidades tradicionais.

Liderança Negra. Estado da Bahia

“

No mês de março, com a chegada da pandemia, a coordenação vivenciou um momento muito desesperador, começamos a receber o lamento das mulheres pela falta de alimento, a fome chegando.

Liderança Negra, LBT.
Estado de Pernambuco



Redução do financiamento

Diante das políticas de distanciamento social, quarentena e de prevenção ao contágio de Covid-19, somado a surpresa e a falta de respostas para administrar a crise gerada pela pandemia, vivemos semanas de paralisação. **O financiamento de organizações sociais caiu nos primeiros meses da pandemia.** Financiadores públicos e privados retiraram apoios diante da paralisação de atividades presenciais ou adiaram novos investimentos e contratos com organizações sociais.

“

(...) um dos principais projetos em negociação, sofreu corte em torno de 70%, diminuindo, assim, os recursos para as outras atividades.

Liderança Negra e LBT.
Estado do Rio de Janeiro

“

Não conseguimos renovar junto aos financiadores os projetos que mantêm financeiramente a instituição, que permitiam a atualização constante de nosso veículo de comunicação e das equipes que atuavam nele. Muitos desses financiadores voltaram o foco de seus recursos para instituições e ações de combate e prevenção direta à própria Covid-19.

Liderança Negra. Estado da Bahia

“

Com a pandemia, o grupo perdeu o apoio financeiro da prefeitura municipal e não está funcionando no momento.

Liderança Jovem, Nem Negra, Nem Indígena,
Nem LBT. Estado de Minas Gerais

Uma das principais fontes de financiamentos das organizações e dos grupos que participaram da pesquisa são doações individuais, sendo que 53,4% dos grupos recebem esse tipo de doação. Foram muitas as que relataram que suas parcerias estavam sem recursos, e que isso impactou diretamente o orçamento.

“

Os recursos financeiros e as doações diminuíram significativamente, os financiadores suspenderam os repasses e as pessoas físicas e jurídicas se encontram com dificuldades de realizarem doações.

Liderança Negra. Estado de Sergipe

“

Nossa principal fonte de renda, que eram doações de pessoas físicas, com a pandemia se reduziu a quase zero.

Liderança LBT. Estado do Amazonas

Atividades como eventos e vendas foram diretamente impactadas com as medidas de distanciamento social, já que as atividades online não eram o foco principal da maioria das organizações e dos grupos. **51%** das organizações e dos grupos que integram esta pesquisa têm como sua segunda fonte de financiamento a realização de eventos. **36,6%** indicam a realização de vendas como uma de suas fontes de financiamento. A maior parte das organizações e grupos se viu diante do desafio de realizar ações de linha de frente para proteção social de grupos em maior vulnerabilidade e de adaptar seu ativismo, tendo poucos recursos financeiros.

“

Temos sofrido forte impacto por conta da interrupção da venda do artesanato das mulheres (atualmente nossa principal fonte de renda) nas cidades turísticas próximas à terra indígena.

Liderança Indígena. Estado de São Paulo

“

Por conta da pandemia da Covid-19, não iniciamos nossa oficina de corte e costura, que pretendemos iniciar assim que estivermos em segurança. Porém, todo recurso arrecadado para o startup desta oficina foi revertido em cestas básicas para as famílias de nossa comunidade, então, ainda não sabemos como iniciaremos.

Liderança Negra. Estado do Rio de Janeiro

“

Os postos de liderança e coordenação do coletivo são ocupados atualmente por nós, mulheres travestis negras, dos rios e das florestas, o que fez com que as atividades do movimento fossem reduzidas em cerca de 95%, uma vez que a luta pela sobrevivência básica se tornou mais intensa para nós, o que está impedindo muitas companheiras de retomarem suas atividades de potencialização e de fortalecimento de nossa luta coletiva.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Pará

Muitas organizações e grupos não conseguiram manter toda a equipe, nem mesmo voluntárias, sem as doações individuais ou institucionais. Investimentos escassos ou restritivos para pagamento de pessoal e para contribuição previdenciária ilustram uma realidade de **desvalorização da mão de obra e do trabalho ativista.**



A gestão do Estado foi mais do que insuficiente, muitas vezes foi danosa

O Governo Federal demorou para desenvolver e para implementar políticas públicas de enfrentamento à pandemia e às suas consequências. As ativistas tiveram que desenvolver e implementar suas próprias medidas de mitigação da crise para garantir sua própria sobrevivência e para dar suporte às suas comunidades e a seus territórios. Foram acionados ou convocados a agir, especialmente grupos e organizações com liderança negra, LBTI e indígena.

“

(...) em razão da pandemia do novo coronavírus, a comunidade nos procurou solicitando ajuda para enfrentar a Covid-19 e suas consequências. Diante da falta de ações concretas dos governos municipal, estadual e federal para lidar com a pandemia dentro das favelas, era urgente que entrássemos em ação.

Liderança Negra, LBT. Estado do Rio de Janeiro

“

Assim, nós, enquanto núcleo, vimo-nos diretamente envolvidas nas demandas que surgem nesse contexto. (...) Assim, a pandemia nos afeta diretamente no fluxo dessas demandas por garantia de direitos fundamentais.

Liderança Indígena, Negra, LBT, Jovem.
Estado do Pará

A pandemia intensificou violências e violações de direitos humanos.



A Articulação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA aponta que 175 pessoas trans foram assassinadas no Brasil ao longo de 2020, houve aumento de 40% quando comparado ao ano anterior. Em 2020, uma transexual ou travesti brasileira foi assassinada a cada 2 dias. Além disso, a letalidade da pandemia foi aumentando ao longo de 2020, chegando ao ápice em 2021.

Com menos acesso aos serviços públicos de assistência social e de saúde, e em situações de precarização do trabalho e marginalização social, a população LBTI foi um alvo fácil para a crise ocasionada pela pandemia.

30,4% das integrantes desta pesquisa têm projetos que beneficiam mulheres bissexuais, 30,1% pessoas transexuais, 23% lésbicas, 11,3% pessoas intersexo, sendo que, quanto ao perfil da liderança, 44,1% declaram ter liderança LBTI.

“

(...) para muitas pessoas LBT, o acesso à moradia e a constituição de um lar demandam longos anos de diversas estratégias de resistência e de sobrevivência. (...) Além desses, há muitos outros fatores e levantamentos que estão indicando a urgência de um olhar atento e empático para nossas vidas LBT frente à pandemia, pois estamos cada vez mais atravessadas, pelo desemprego, pela violência, pela falta de acesso à saúde e à moradia, pelo adoecimento psicológico e pelo suicídio.

Liderança LBT. Estado do Amazonas

“

Logo nos dois primeiros meses, a violência contra LGBTI+ mostra sua face mais cruel com crimes de ódio, aqueles realizados com requintes de crueldade e com o recrudescimento dos suicídios.

Liderança Negra, LBT.
Estado de Pernambuco

Relatórios e informações da sociedade civil denunciaram o aumento de conflitos de terra, e de casos de invasão em territórios indígenas, quilombolas e de preservação ambiental. Houve aumento do número de processos judiciais, ameaças, prisões, assassinatos e desaparecimento de lideranças indígenas (APIB, 2020). Além do aumento da violência policial em áreas pobres de grandes centros urbanos, cujas principais vítimas estão entre a população negra.

“

Para superar estas dificuldades muitas destas mulheres que viviam na capital regressaram ao quilombo e retomaram as suas roças, portanto, o que temos neste momento é um retorno às atividades secularmente desenvolvidas por nós, mulheres quilombolas.

Liderança Negra, Jovem. Estado do Maranhão

Gasto de recursos humanos e financeiros pra adaptação das atividades à virtualidade
Adoecimento de pessoas do Coletivo (Covid-19)
Atividades emergenciais
Replanejamento das atividades
Saúde Mental das Integrantes
Diminuição da renda
Trabalho, Emprego e Renda
Insegurança alimentar
Demissão
Infraestrutura Tecnológica
Impacto na Atuação
Medo
Tecnologia Digital
Letramento Digital
Redução de Recursos
Tentativa suicídio
Cancelamento das atividades
Aumento da Demanda
Impossibilidade de gerar renda
Vulnerabilidade das Integrantes
Paralisação das atividades (temporária)
Desigualdade Digital
Sobrecarga de trabalho como mulheres
Cancelamento de editais, contratos, programas institucionais, parcerias
Aumento do acolhimento por violência doméstica

A nuvem ao lado indica uma maior prevalência de narrativas sobre o adoecimento de pessoas por Covid-19 em organizações e grupos com liderança Indígena, (37 organizações/grupos do total da amostra).



Como estão superando as consequências da pandemia?



Escutar a voz das ativistas é escutar atos de resistência.

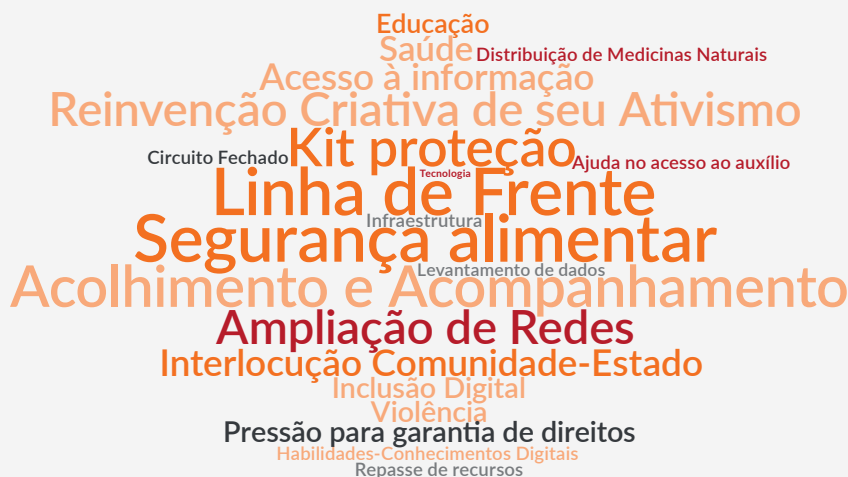
Com uma incrível capacidade de articulação, a resposta organizada por estes movimentos sociais foi rápida e diversificada. As pessoas ativistas se mobilizaram em muitas frentes: segurança alimentar; ações de contenção da propagação do vírus; distribuição de medicinas naturais; apoio emocional, psicológico e jurídico; intermediação no acesso a programas e a políticas públicas; geração de renda; produção de dados; circulação de informação de qualidade; ações para equidade digital; repasse de recursos e outras estratégias adaptadas às especificidades das comunidades beneficiadas.

Atuando na linha de frente, as organizações fizeram uma reinvenção criativa do ativismo, criando cuidado coletivo e comunitário. Com essas estratégias, as organizações e os grupos sociais recriaram seus ativismos para enfrentamento da crise.

“

Assim, vão se construindo, aos poucos, novas formas de atuação e de superação dos impactos da pandemia. (...) O cuidado e a solidariedade, aqui entendida como partilha daquilo que temos e não daquilo que sobra, tem sido a marca da atuação do Coletivo e das mulheres nos territórios.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado do Maranhão



Na nuvem ao lado, podemos perceber o destaque para três categorias: linha de frente, segurança alimentar e ampliação de redes. Segurança alimentar é a subcategoria dentro de linha de frente que teve maior frequência. Algo que ficou nítido é que muitas organizações e grupos ampliaram suas redes e desenvolveram mecanismos virtuais de captação de doações para garantir a segurança alimentar das comunidades com que atuam. Usaram seus conhecimentos anteriores e aprenderam novas ferramentas em um curto espaço de tempo.



Solidariedade e resistência

“

Atuamos no auxílio a coletivos, a redes, a grupos, a associações, a fóruns, com estas ações: arrecadação de material de higiene; arrecadação de alimentação; arrecadação de roupas para as vítimas da chuva; auxílio nos cadastros emergenciais em comunidades sem acesso à internet; articulação com categorias sindicais para liberação de pessoas em situação de risco; orientação e elaboração de projeto de captação de recursos para o enfrentamento da Covid-19; apoio nos registros de ocorrências de aliciamento de menores nos Conselhos Tutelares e nas delegacias; mecanismos de proteção das comunidades para auxiliar as vítimas de violência; orientações de trâmites dos congelamentos de dívidas e negociações; recolocação no mercado de trabalho; instalação de roteadores de internet populares; abrigamento de mulheres e de jovens, gás para atuar com mais “gás” na comunidade durante as ações de combate à Covid-19. Identificamos mulheres das comunidades atuando em diversas frentes em defesa dos direitos humanos, que, no momento, também sofriam os impactos da pandemia, mas continuavam trabalhando intensamente para “transformar a realidade”. Nestas horas, fica evidenciado que quem menos tem, mais ajuda. Ampliamos nossas conexões entre redes, inter-redes e, para além das redes, na interiorização das ações e das trocas com mulheres de outros estados e países.

Liderança Negra. Estado da Bahia

Diante deste contexto, as organizações e os grupos que não tinham como prática em seu ativismo ações de assistência direta (humanitárias), como a distribuição de alimentos, viram-se diante da necessidade de suprir o básico para a vida, pois a fome tinha voltado para o contexto de muitas populações.

“

É importante priorizar ações que lidem com os danos colaterais causados por ela [Covid-19], destes, a fome é o principal e mais urgente, uma vez que as famílias de baixa renda são as que mais sofrem com a perda de empregos formais e com a impossibilidade de atuar nos empregos informais, maior fonte de geração de renda da população das favelas e comunidades mais carentes.

Liderança Negra, Jovem. Estado do Rio de Janeiro



“

Tivemos o apoio do sindicato dos professores das instituições federais de Ensino Superior da Bahia – APUB com doações de 10 cestas básicas e dinheiro que foi revertida na compra de 5 vales-gás, pois, se não tiver botijão de gás para essas famílias cozinhareem seus alimentos, só a cesta básica não adianta.

Liderança Negra. Estado da Bahia

“

(...) o coletivo ficou mais junto, campanhas de arrecadação de alimentos, de álcool, de material de limpeza foram realizadas dentro do território e da aldeia. O território contou com a solidariedade do coletivo, formamos uma escala de voluntárias para ajudar as mães que precisavam ir trabalhar e que não tinha com quem deixar seus filhos, e idosos que necessitavam de cuidados, auxiliamos algumas pessoas no preenchimento no cadastro auxílio emergencial.

Liderança Indígena, Negra.
Estado do Rio Grande do Norte

“

(...) vamos tentando sobreviver através das ações voluntárias entre amigos. Com doações de algumas cestas básicas, compramos material de higiene fabricado pela própria comunidade para nos fortalecer. Formamos kits higiene para distribuição, fabricamos máscaras de tecido, aproveitando retalhos para distribuir na comunidade.

Liderança Negra. Estado do Ceará

“

(...) sabemos que a fome não espera. A estratégia desenvolvida foi prestar assistência social, promovendo segurança alimentar e nutricional com a realização de distribuição de sopa e cuscuz recheado, doando todas as quintas-feiras 300 porções de 500ml.

Liderança Negra. Estado de Sergipe



Estratégias de cuidado coletivo e comunitário

Com o **aumento da violência doméstica**, a procura por acolhimento cresceu para diversas organizações e grupos, especialmente para as 37,7% que já atuavam neste campo. As ativistas usaram de distintas estratégias para adaptar a forma como atuavam.

“

Precisamos ficar ainda mais atentas às situações vividas nas aldeias, como a fome e o aumento da violência doméstica. Nós, da gestão da rede, tivemos que nos colocar mais à disposição das mulheres nas comunidades para repassar orientação e apoio para aquelas que precisavam de ajuda, porém, somos poucas com a formação suficiente e que podem doar seu trabalho de forma voluntária (...)

Liderança LBT, Jovem. Estado da Bahia

O racismo estrutural atingiu de maneira mais drástica as populações negra e indígena. O aspecto emocional e mental foi bastante abordado pelos grupos. Para indígenas, a história de pandemias e o medo de serem extintos, intensificou um trauma nunca sanado.

“

Para o nosso povo [nome do povo], essa pandemia do novo coronavírus é mais uma batalha entre outras batalhas que os povos indígenas do mundo tiveram, batalhas duras em que milhares de indígenas morreram.

Liderança Indígena, Negra, LBT. Estado de Alagoas



Estratégias de inclusão e acesso digital

A pandemia surpreendeu os grupos, que não podiam mais trabalhar presencialmente e não tinham equipamento para o ambiente virtual.

“

(...) e tivemos que aprender a utilizar outras metodologias, anteriormente desconhecidas para muitas de nós e de nossas comunidades.

Liderança Negra. Estado da Bahia

“

Por meio da arrecadação de doações financeiras, pudemos comprar aparelhos celulares, contratar serviços de internet, e, principalmente, exercitar interações nos meios de comunicação digital junto às participantes, em sua maioria, idosas e sem familiaridade com as novas tecnologias.

Liderança Jovem. Estado de Minas Gerais

“

O processo formativo vai retomar esse mês e resolvemos a questão da internet com o PC solidário. Uma mulher que tenha internet boa em casa recebe duas ou três que não têm, para assistir às aulas da formação (...) temos que nos reinventar nesse cenário.

Liderança Negra, LBT, Jovem.
Estado do Ceará

“

Nos reinventamos na assistência remota, com mentoria em grupos de aplicativos, lives realizadas com parcerias da organização no Instagram e plantões de dúvidas.

Liderança LBT, Jovem. Estado de Goiás



Diversas organizações e grupos desenvolveram mecanismos digitais de acesso a recursos e à geração de renda. Foram muitas as que fizeram crowdfunding e campanhas online para arrecadação de dinheiro, seja para as ações emergenciais relacionadas aos impactos da Covid-19 nas comunidades, seja para a continuidade de seus ativismos. As iniciativas de crowdfunding, muitas vezes, estiveram aliadas à ampliação da rede de parcerias. Ativistas investiram de forma ágil e criativa no desafio da adaptação de suas atividades para o meio remoto.

“

Levamos nossas companheiras e seus trabalhos para o Instagram, oferecemos divulgação, criação de arte e logos gratuitamente e, futuramente, queremos criar o que será a primeira loja colaborativa virtual feita só por mulheres periféricas autônomas.

Liderança Indígena, Negra, LBT. Estado de São Paulo



Ativismo em rede, respostas rápidas e inovação

Os dados da pesquisa confirmam a **tendência dos movimentos sociais brasileiros de atuarem coletivamente**: 72,1% atuam em parceria com outros movimentos sociais e 80% atuam em rede.

“

(...) além do fortalecimento com os doativos, estamos criando uma rede forte, de suporte mútuo, em que estas mulheres têm uma oficina de escrita, e tudo de uma forma que preze pela inclusão digital, pelo afeto, pelo cuidado e pela autonomia.

Liderança Indígena, Negra, LBT, Jovem.
Estado do Rio de Janeiro

“

Um exemplo dessa troca, foi que temos procurado apoiar o afroempreendedorismo das mulheres negras do coletivo, procurando adquirir e viabilizar a entrega de produtos e de alimentos produzidos nas comunidades quilombolas e indígenas por consumidores solidários, procurando a doação de tecidos para os grupos de mulheres produzirem máscaras nos quilombos, e manter sempre um diálogo e a comunicação popular com a sociedade, principalmente onde o acesso à informação é limitado.

Liderança LBT, Jovem. Estado do Mato Grosso

“

O coletivo desenvolveu uma ação de produção de hortas comunitárias em casas com quintal e muitas pessoas, para ajudar a diminuir as despesas e a ter uma alimentação mais saudável.

Liderança Negra, LBT.
Estado do Espírito Santo

“

Também conseguimos realizar, na região do sertão, uma distribuição de sementes para mulheres produtoras. A distribuição beneficiou 52 mulheres.

Liderança Negra, Jovem. Estado de Alagoas

A pesquisa mostra que as organizações tiveram uma grande capacidade de autogestão, além da resposta rápida aos desafios. Foram elas que agiram frente à desnutrição, à subnutrição, à fome, ao desemprego e às várias violências realçadas durante a pandemia. Ofereceram acolhimento afetivo, jurídico e psicológico para mulheres, LBTIs, mulheres negras e indígenas.

“

Procuramos entidades que possam dar apoio psicológico, grupos de emprego, informações e encaminhamentos, no caso de violência doméstica, informações de editais, criação de um site para vendas *online*, divulgar os produtos das afroempreendedoras. Incentivamos o Black Money entre os grupos nas redes sociais, o afroconsumo.

Liderança Negra. Estado do Paraná

“

Criamos um cartaz com orientações de como evitar a contaminação e com os números que podem ligar para denunciar e pedir ajuda. Na entrega das cestas e das máscaras, que é feita individualmente, dialogamos sobre como enfrentar a violência doméstica, denunciando e pedindo ajuda. O cartaz é colado por fora da casa das mulheres a quem estamos dando suporte. Organizamos uma roda de partilha e suporte emocional *online*, porém a participação é baixa em virtude do não aparato de computador por parte da maioria das mulheres.

Liderança Negra, LBT. Distrito Federal

“

Organizamos uma vaquinha online por meio da plataforma catarse, com objetivo de arrecadar fundos para buscar garantir uma quarentena mais segura para migrantes e pessoas refugiadas LGBTQIA+ com doações de alimentos não perecíveis, de legumes e de frutas, de produtos de higiene, de transporte para atendimentos de saúde, além do botijão de gás para viabilizar o preparo das comidas, de meios de comunicação, de medicamentos e de aluguel social.

Liderança Indígena, LBT, Jovem.
Estado do Rio de Janeiro

14,2% das organizações que participaram da pesquisa têm profissionais do sexo como beneficiárias de suas ações. Essas organizações desenvolveram estratégias de suporte a essa população.

“

o [grupo/organização] criou um comitê de prevenção e combate à Covid-19, tentou negociar com os donos dos hotéis para que as trabalhadoras do sexo que ficaram na região, tivessem lugar para ficar. Entrou em campanha para arrecadação de doações e apoio às profissionais do sexo, durante a pandemia. As trabalhadoras do sexo, negligenciadas pelo Estado e, sem outra opção, foram trabalhar nas ruas do centro de BH, ficando mais vulneráveis à Covid-19 e às situações de violência.

Liderança Negra, LBT, Jovem. Estado de Minas Gerais



A flexibilidade das instituições apoiadoras e financiadoras foi fundamental para que organizações e grupos, que já haviam recebido ou estavam por receber recursos direcionados a projetos específicos, pudessem mudar o direcionamento deles. Essa flexibilidade permitiu a ação de segurança alimentar de pessoas e de comunidades em extrema vulnerabilidade.

“

Conseguimos contornar a situação, porque tivemos bastantes doações de alimentos e apoio de recursos de dois projetos, Itaú e Elas, que flexibilizaram para realizar a compra de cestas de alimentação para a população.

Liderança Indígena, LBT. Estado de Roraima

As organizações de mulheres e de LBTIs enfrentaram estrategicamente cada desafio que surgia.

“

Estamos potencializando as ações virtuais e remotas, a partir de nossa pesquisa com a oralidade, fortalecendo nosso canal do *Youtube* que traz narrativas de mulheres em resistência.

Liderança Negra, LBT. Estado de São Paulo

“

Diante de tudo isso, o contexto não nos paralisou e, entendendo o nosso lugar na defesa das vidas negras, mudamos nossa atuação para chegar junto das lideranças locais e das famílias negras, desenvolvendo ação direta de mobilização local para produção e difusão de informações para a prevenção da Covid-19 (com as vozes das próprias mulheres das comunidades) (...) Os efeitos da pandemia seguem e nossa luta também. Agora estamos pressionando os poderes locais para esse suporte e seguimos mantendo a nossa atuação contra esse racismo estrutural que nos coloca em situação de maior vulnerabilidade.

Liderança Negra, LBT. Estado da Paraíba

“

A perda da memória ancestral do alimento e a ausência de políticas públicas nos levaram a construir estratégias audiovisuais para denunciar e para propagar formas ligadas aos saberes tradicionais de prevenção e de cuidado, pois acreditamos que os elementos audiovisuais contribuem para democratizar a informação entre crianças e anciãs, pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas... pois esse tipo de linguagem comunica com mais facilidade para todas e todos.

Liderança Indígena, Negra, LBT.
Estado de Alagoas

“

Diante de todas as adversidades, além das conversas, as mulheres têm vendido seus trabalhos manuais (crochês, máscaras caseiras) e comidas (lanches, pizzas, bolos, salgados etc.) com publicidade por redes sociais com entrega em delivery(...) Outras mulheres da organização aprenderam a plantar hortaliças e outras intensificaram o plantio.

Liderança Negra, Jovem. Estado da Bahia

“

A nossa estratégia de superação e inclusão das mulheres negras será investir no conhecimento, no afroempreendedorismo como alternativa para enfrentar as desigualdades agravadas pela Covid-19. A autonomia, o empoderamento e a geração de renda das mulheres negras são os fundamentos da nossa proposta.

Liderança Negra. Estado do Mato Grosso

Depois de escutar as vozes das lideranças das organizações e dos grupos de mulheres e LBTIS, a maioria sem formalização, **fica uma pergunta**: Se fizeram tanto, com tanta firmeza e criatividade com poucos recursos, **o que seriam capazes de fazer com mais apoio para seus ativismos?**

Brasil e o ativismo de mulheres e de LBTIs na pandemia



A análise dos dados da pesquisa constatou a diligência com que as organizações e os grupos de mulheres e LGBTI se estruturaram para ações de solidariedade e de resistência frente à pandemia.

Os resultados desta pesquisa refletem a necessidade de flexibilização de recursos para organizações e para grupos liderados por mulheres e por LGBTIs que geram impacto social real.

As ações da linha de frente demonstram a capacidade de transformação, de adaptação e de inovação das organizações lideradas por mulheres no Brasil. Atuando na produção e na distribuição de máscaras, de kits de higiene, de alimentação, de repasse de recursos e encarando os desafios do ativismo digital em contextos de acesso limitado ou inexistente.

O Brasil tem características muito específicas. Além da diversidade territorial, **a maioria das organizações ou dos grupos de ativistas não são formalizados.** A pesquisa aponta que mais de 50% são informais. **Essa realidade exige novos formatos e novas modalidades de investimento**, assim como ações de flexibilização de recursos.

O autofinanciamento mostrou sua importância e o volume de investimento das próprias ativistas na construção de uma sociedade justa e sustentável. Elas, no seu empreendedorismo, mobilizam recursos através de eventos, da venda de produtos artesanais, da agricultura familiar, do crowdfunding e de muito trabalho voluntário. Não pararam e investiram ainda mais na excepcionalidade da pandemia. A pesquisa verifica que o autofinanciamento não é suficiente para manter estas organizações e estes grupos, e que pode, inclusive, contribuir para a precarização do trabalho ativista.

Os dados indicam que **as organizações têm pouco acesso ao ecossistema filantrópico.** Além de todos os desafios do contexto e dos territórios onde atuam, ainda esbarram na desigualdade de acesso aos recursos, principalmente no Norte, onde está a Amazônia, e no nordeste do país.

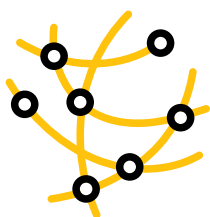
Como enfrentar o racismo, todas as formas de violência e lutar pela preservação das nossas riquezas naturais, sem o apoio planejado do ecossistema de filantropia?

Ficou evidente a pobreza digital na qual estão inseridas as organizações lideradas por mulheres, principalmente negras, indígenas e jovens. O acesso à tecnologia (computadores, celulares e internet) é precário. Como manter o ativismo, especialmente na mudança para o ambiente virtual que a pandemia exigiu, sem acesso à tecnologia? É urgente que o ecossistema da filantropia para justiça social direcione investimento para ampliar o acesso à tecnologia e à equidade digital.



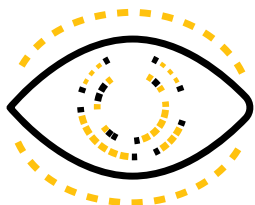
A pesquisa comprovou que as organizações não formais lideradas por indígenas, negras, quilombolas, ribeirinhas, estão na linha de frente e precisam de investimento para fortalecimento institucional, em infraestrutura e em equipes.

O Brasil é gigante, com regiões muito diversas. As organizações conhecem seus territórios e, por isso, **é necessário confiar nos seus diagnósticos e nas suas escolhas de formatos de ação**. Alguns aspectos específicos merecem atenção: a não formalização, a horizontalidade da estrutura, a precarização das organizações e dos grupos e a maioria das organizações que não tem sede própria.



A pesquisa destaca uma forte tendência do ativismo brasileiro: trabalhar em rede. É essencial aproveitar, estimular e apoiar esses movimentos.

As organizações atuam coletivamente e sobre temas variados como: acesso e autonomia digital; segurança alimentar; trabalho, emprego e renda; saúde mental; cuidados contra o aumento das violências; segurança dos territórios. Colocaram em ação o empreendedorismo e, a partir disso, geraram renda.



Por que o ELAS+ tomou a decisão de olhar para os dados que chegaram por meio do edital, de sistematizá-los e de transformá-los em pesquisa?

Porque, nessas duas décadas, o ELAS+ respeita e se emociona com a diversidade e a resistência de mulheres e LBTIs, atuando como fundo independente, cuja intenção é doar para transformar.

Essa pesquisa oferece dados consolidados para investidores e para parceiros sobre a importância e o protagonismo de transformação social das organizações lideradas por mulheres e por pessoas trans no Brasil.

OSCs que, mesmo com poucos recursos financeiros, em sua maioria com lideranças negras, constroem vínculos solidários e de confiança, surpreendem com sua capacidade de autogestão, tudo isso somado ao enfrentamento da pandemia, somada à negligência e ao abuso do Estado.

As respostas das ativistas frente à pandemia foram rápidas, com capacidade de inovar e de articular redes. O ecossistema filantrópico precisa reconhecer e valorizar esses ativismos, é indispensável reconhecer que elas são agentes

que provocam profundas transformações nos seus territórios e nas suas comunidades. Há potencial para desenvolver mais esses ativismos, o que é interesse da filantropia por justiça social.

Os dados e resultados desta pesquisa desejam inspirar novas parcerias filantrópicas e de justiça social, colaborações, alianças de doadores para permitir mais recursos para o ativismo liderado por mulheres e LBTI do Sul Global.



Fazem muito com quase nada?

Imagine se as organizações recebessem todo apoio necessário para implementar suas iniciativas e suas soluções de transformação social?

O poder de ação revelado nas estratégias traçadas pelas organizações para o fim de desigualdades, do racismo estrutural e da pandemia, comprova a importância da sociedade civil para a justiça social.

Disponibilizar recursos materiais e imateriais para que implementem suas iniciativas e sonhos coletivos, é viabilizar a continuidade das ações e garantir a realização do seu potencial.

É preciso escutar as vozes da resistência para avançar.



Ativismo e Pandemia no Brasil



fundosocialelas.org
instagram/fundoelas
facebook/fundosocialelas
twitter/FundoElas
youtube/fundoElas

